



Bruno de Moura Pinto

**“A HISTÓRIA ENVENENADA” : O BRASIL PARALELO E O REVISIONISMO
HISTÓRICO**

Santa Maria, RS

2019

Bruno de Moura Pinto

**“A HISTÓRIA ENVENENADA” : O BRASIL PARALELO E O REVISIONISMO
HISTÓRICO**

Trabalho Final de Graduação (TFG) apresentado
ao Curso de História, Área de Ciências Humanas,
da Universidade Franciscana, como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciado em
História

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Guedes Henn

Santa Maria, RS

2019

RESUMO

O presente trabalho tem a intenção de abordar um assunto que pode ser referente a Teoria da História, o revisionismo histórico, uma prática pseudo científica, com intenção de recontar a história para atender interesses particular de cada caso praticado. Neste trabalho é abordado como problema o projeto do grupo Brasil Paralelo e o revisionismo histórico que é proposto por este grupo. Analisando suas intenções, identificando o objetivo deste revisionismo através de análise de conteúdo deste material. De tal forma foi possível detectar as intenções deste revisionismo histórico, sendo possível observar a tentativa de recontar a história do Brasil com o intuito de criar uma nova identidade cultural para o brasileiro, agregada de valores de valores morais conservadores.

RESUMEN

El presente trabajo pretende abordar un tema que puede referirse a la teoría de la historia, el revisionismo histórico, una práctica pseudocientífica, con la intención de volver a contar la historia para satisfacer los intereses particulares de cada caso practicado. En este trabajo, el proyecto del grupo Brasil Paralelo y el revisionismo histórico que propone este grupo se aborda como un problema. Analizar sus intenciones, identificando el objetivo de este revisionismo a través del análisis de contenido de este material. De tal manera fue posible detectar las intenciones de este revisionismo histórico, siendo posible observar el intento de volver a contar la historia de Brasil con el fin de crear una nueva identidad cultural para los brasileños, valores agregados de valores morales conservador.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	04
2. CAPÍTULO 1: DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO AO REVISIONISMO HISTÓRICO.....	06
Teoria da conspiração: O produto comum de um processo revisionista pseudocientífico e o Brasil Paralelo	06
A teoria do Marxismo Cultural e o Brasil Paralelo.....	09
Revisionismo Histórico.....	15
3. CAPÍTULO 2 : HISTÓRIA E TEORIA	20
A Revolução Francesa e a História.....	20
A evolução da História e as primeiras teorias da História	22
O discurso político e revisionismo Histórico, uma breve reflexão.....	31
4. CAPÍTULO 3 : BRASIL PARALELO E SEU PROPÓSITO	36
O Brasil Paralelo e seu revisionismo.....	36
Os Templários, antepassados dos brasileiros segundo o Brasil Paralelo.....	42
O objetivo das intenções deste revisionismo.....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6. REFERÊNCIAS.....	56
7.ANEXO.....	58

1. INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem a intenção de abordar o Revisonismo Histórico, uma prática que ocorre na tentativa de reescrever a história adotando métodos pseudocientífico, em cada caso há diferentes objetivos que motivam este revisionismo, porém normalmente é comum encontrar a prática relacionada a razões ideológicas.

O problema deste trabalho será o revisionismo histórico do projeto Brasil Paralelo, um grupo de audiovisual, viés político de Direita, interessados em produzir documentários sobre política e história, disponibilizando gratuitamente em um site de vídeos na internet, para isso, será necessário entender o que é revisionismo histórico e como ele se propões e se relaciona com outros elementos da sociedade.

O presente trabalho tem como objetivo, apresentar uma reflexão em abordar o perigoso discurso de revisionismo histórico do Brasil Paralelo, através de uma análise de seu discurso, para compreender como tal prática ganhou tanta força ao ponto de ser aceita popularmente como uma forma de conhecimento verdadeiro e seguro ao invés do conhecimento científico.

Os objetivos desta prática é construir argumentos para discursos políticos que foram utilizados no discurso político por esta Extrema Direita que ascendia desde meados de 2016 com suas figuras mais populares apresentando declarações polêmicas em programas de auditório em emissoras de TV aberta.

Este revisionismo histórico não é algo incomum de ser encontrado em discursos políticos, tem o objetivo de distorcer fatos para confirmar pontos de vista e construir argumentos artificiais em defesa do posicionamento do elaborador do discurso, não sendo práticas exclusiva de apenas um espectro político, estando presente tanto na Esquerda quanto na Direita.

Porém aqui será observado esta prática por parte da Direita, com estes discursos revisionistas abordado pelo projeto Brasil Paralelo, um grupo de produção audiovisual de capital privado sediado em Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

No primeiro Capítulo será abordado o revisionismo histórico em um recorte amplo, destinado a compreensão desta prática. Para compreender este

revisão e como eles se aplicam entre a História e o campo político foi utilizado Cattini (2011), por realizar um estudo sobre revisionismo histórico no debate político contemporâneo, no cenário político espanhol.

Foi utilizado também Škorić e Bešlin (2017), na intenção de ter contato com outra percepção sobre revisionismo histórico, analisando a construção da memória política na Sérvia pós-socialista.

No caso brasileiro, o revisionismo não é um evento original desta década, ocorrendo já desde o fim do século XX, Melo (2013), abordando o caso do revisionismo histórico no Brasil, utilizado para relativizar a Ditadura Civil Militar, porém tais revisionismos realizados por componentes da sociedade acadêmica do período estudado.

Após analisar o projeto Brasil Paralelo, percebeu-se que havia a presença de outro elemento que não foi relatada no caso dos outros autores relatados, havia a presença de elementos de teorias da conspiração, foi consultada Silva (2017), para entender o que são estes elementos que como eles são elaborados e impregnados na sociedade.

No segundo capítulo destinado a abordagem da História como ciência, havendo a necessidade compreender o seu surgimento como disciplina, utilizou-se Hobsbawm (2016), na compreensão do século XVIII, momento onde surgem as ciências sociais e a História. A Teoria da História, para compreender a complexidade da construção do conhecimento histórico, de acordo com Barros (2011), sobre o Positivismo e Historicismo, enquanto Hobsbawm (1998), para compreender o Marxismo na História. Na compreensão das primeiras filosofias da História, para embasamento é utilizado Gardiner (2008).

O terceiro capítulo é destinado a discorrer sobre o material produzido e compreender as intenções do projeto Brasil Paralelo, para que isso fosse possível foi utilizada a metodologia de pesquisa elaborada por Bardin (2009) da análise de conteúdo.

O objetivo do projeto Brasil Paralelo, conforme é apresentado nas páginas das redes sociais do próprio projeto e nos seus vídeos disponibilizados no Youtube, é contar a “verdadeira história do Brasil”, livre de viés ideológico de Esquerda que, supostamente para os organizadores do grupo, contaminou a educação e todas as

estruturas do país com o objetivo de alienar a população. De tal forma contando a “história verdadeira” pretendendo resgatar a “verdadeira identidade nacional” para que o brasileiro possa se orgulhar e ter um sentimento de pertencimento.

2. CAPÍTULO 1: DAS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO AO REVISIONISMO HISTÓRICO.

Teoria da conspiração: O produto comum de um processo revisionista pseudocientífico e o Brasil Paralelo.

As empreitadas de revisionismo histórico ou revisionismo pseudocientíficos que circulam em redes sociais e mídias, tem a “teoria da conspiração” como elemento comum responsável por nortear o “problema de pesquisa” dos revisionistas.

Tais teorias, por sua vez, são versões alternativas para a explicação de fatos de qualquer área da ciência ou de elementos da realidade do cotidiano, questionando esta realidade constatada sobre determinados assuntos, utilizando de ambiguidades de fatos de difícil compreensão do senso comum.

Estas teorias estão presentes em todas as áreas do conhecimento, pois em uma pesquisa na internet, utilizando a maior ferramenta de buscas da atualidade o Google, e utilizando como palavra-chave “teoria da conspiração”, são encontrados 1 milhão, 250 mil resultados de pesquisa referentes a esta palavra-chave.

Segundo as constatações de Silva, o que leva as pessoas a acreditarem nestas teorias, mesmo que estas não sejam socialmente bem vistas, são produtos das condições emocionais dos indivíduos que têm contato com este tipo de material, afirmando:

As teorias da conspiração são passíveis de despertar nos indivíduos a sensação de posse sobre algo secreto e não acessível a toda a gente, fazendo-os sentirem-se especiais e privilegiados. A crença é encarada, para além da sedução pelo secretismo, como uma forma de resposta à impotência. (Silva, 2010, p. 12.)

Existe uma lista gigantesca destas teorias espalhadas na internet, algumas são recentes, outras remontam o início do séc. XX, mudando apenas alguns dos seus elementos narrativos para ser adaptada ao contexto social político atual.

Tais teorias são criadas e modificadas em cenário de constante desconfiança dos seus propagadores e reprodutores como o sistema político, social e seus líderes. Partindo desde o 11 de setembro de 2001, a criação de vacinas para o controle populacional, contatos extraterrestres com os governos e criação de doenças como a AIDS e Ebola, e atualmente há teorias que contestam até o formato da terra.

Todas estas teorias conspiracionistas tem um elemento em comum, questionam a realidade utilizando como ponto de partida de suas indagações de argumentos superficiais dos fatos abordados.

Sendo propagadas com o objetivo de atingir a massa popular, são absorvidas pelo senso comum, o que possibilita que tais teorias sejam encaradas como verdades absolutas, já que os seus receptores consideram que os propagadores dessas teorias são alguma autoridade especializada no assunto decorrente, Silva afirma que.

Os designados "populares" (senso comum, público em geral) são considerados os que mais facilmente se deixam seduzir pelas teorias da conspiração, sendo geralmente considerados um alvo mais fácil. Geralmente baseadas em explicações não confirmadas, muitos teóricos defendem que as teorias da conspiração são direcionadas para as massas e apenas por elas aceites. (Silva, 2010, p. 12.)

Esta afirmação de Silva pode ser explicada com o objetivo declarado do primeiro episódio do documentário "Brasil: A Última cruzada¹, e a estratégia de divulgação do projeto Brasil Paralelo, o que é declarado pelo grupo, têm o objetivo de contar a história do Brasil, o que é direito da população e foi negado, o que é obra de um plano perverso.

Durante o início do primeiro episódio e uma considerável parte dele, a narrativa segue em concordância com as falas dos palestrantes, fazendo alusão direta à existência de uma conspiração para negar a "verdadeira história" do Brasil para o brasileiro, mas deixando este inimigo no abstrato, sem dar um nome ou

¹ Em anexo na página 58, imagem do vídeo Brasil: A Última cruzada.

descrição a ele e afirmando que estão em uma guerra cultural, ou seja, estão combatendo um inimigo.

Este feito de combater este inimigo atinge o espectador direito no seu estado emocional, já há muito tempo em descrença com o sistema político. A pessoa que tem contato com tal material sente-se como um desprivilegiado pelo sistema político do estado que é de linha ideológica contrária.

Para fazer o espectador a aderir à proposta do documentário, utilizam-se de signos da extrema direita, religião, preservação de padrões culturais extremamente retrógrados e ideário político voltado ao patriotismo e um nacionalismo velado, que são pautas da essência da demagogia conservadora.²

Esta forma de narrativa é um claro recurso para poder induzir o espectador que já possui uma concordância com a linha ideológica do material a acreditar que vivem em uma guerra cultural contra este inimigo, termo muito utilizado por Olavo de Carvalho, ícone do conservadorismo brasileiro e um dos palestrantes presente no material.

A aplicação dessas estratégias de atividade do grupo Brasil Paralelo, faz com que o conteúdo pseudocientífico e conspiracionista seja visto como algo atraente para o espectador, o que é o perfil das teorias conspiracionistas, segundo Silva, afirma inspirando-se em outros autores que:

As teorias da conspiração são passíveis de despertar nos indivíduos a sensação de posse sobre algo secreto e não acessível a toda a gente, fazendo-os sentirem-se especiais e privilegiados. A crença é encarada, para além da sedução pelo secretismo, como uma forma de resposta à impotência. Normalmente, a verdade por detrás dos acontecimentos explicados por teorias da conspiração são encarados como segredos bem guardados (Keeley, 1999), o que exponencial o gosto pelo seu conhecimento e conseqüente procura destas teorias. Face ao cada vez mais anônimo e vasto mundo das forças burocráticas, as teorias da conspiração permitem às pessoas lidar com a possibilidade de que essas forças subjacentes irão formar o seu futuro (Melley, 2002). Hofstadter (1964) argumentou também que alguns cidadãos acreditam nas teorias da conspiração por causa da sua própria paranoia, olhando para si mesmos como indivíduos perseguidos e impotentes, que têm de enfrentar um inimigo. DeLillo (1978) lembra que “esta é a idade da quadrilha, dos contatos, das ligações e das relações secretas.” (Silva, 2010, p. 12.)

² Em anexo na página 58, imagem da abertura do vídeo Brasil: A Última cruzada.

Os revisionismos históricos do Brasil Paralelo, dentro de sua estrutura narrativa, possuem várias teorias da conspiração como forma de sustentar o seu discurso, partindo da premissa em que condicionam ao seu público à pensarem em estar na suposta guerra ideológica, isto já faz alusão a uma antiga teoria da conspiração, referindo-se de forma indireta à esta teoria conspiratória do Marxismo Cultural.

De todas as teorias conspiracionistas que são utilizadas nos materiais, a teoria conspiracionista do marxismo cultural é a mais presente, esta é a questão norteadora de todo o projeto Brasil Paralelo, muito reproduzida por Olavo de Carvalho, importando tal teoria falaciosa direto dos Estados Unidos.

A teoria do Marxismo Cultural e o Brasil Paralelo.

O objetivo declarado por este grupo de produção audiovisual é contar uma história que nunca foi contada sendo paralela ao que é formalmente ensinado à população, na perspectiva científica uma história paralela à existente, carente de evidência das afirmações.

Tendo como um dos propósitos, promover uma transformação cultural e uma conscientização popular da suposta realidade histórica da sociedade brasileira, esta sociedade idealizada é pensada no modelo do Império Brasileiro, transparecendo o desejo de um estado teocrático, nacionalista e centralizador, porém estas ideias vão de encontro ao interesse de espectro econômico Neoliberal, auto assumido pelo grupo.

Utilizam-se até mesmo de ficção para atingir seu objetivo desejado, idealizando a criação de um nacionalismo religioso de viés conservador aos moldes imperial que é encarado como sinônimo de perfeição em termos de sistema político e organização social.

Novamente realizando uma busca na Internet com o veículo de busca Google, ao pesquisar utilizando como a palavra chave Marxismo Cultural³ encontram-se aproximadamente 13.000.000 mil resultados.

Antes de adentrar em tal assunto, deve se levar em conta três questões. Primeiramente; a situação do modo de operação da Nova Direita, o que é um efeito da própria crença nesta teoria, a desautorização da acadêmica científica, o ódio contra questões de gênero e a abominação ao ensino de qualquer assunto que envolva política nas escolas, pois, segundo as ideias de Olavo de Carvalho, ideólogo da extrema direita, "Por meio do marxismo cultural, toda a cultura transformou-se numa máquina de guerra contra si mesma, não sobrando espaço para mais nada" (Olavo de Carvalho 2002).

Esta situação ocorre porque. "As teorias da conspiração, há muito que têm sido favorecidas por políticas populistas, que são quase invariavelmente anti elitistas e, portanto, anti-intelectuais também. As teorias da conspiração são mais populares entre os membros do público em geral, que são, talvez, afetados por subculturas de teóricos da conspiração." (Clarck, 2002. Apud, Silva 2017)

Clarck Defende a Ideia que tais teorias se apresentam como anti eletistas por que os seus mentores se veem como uma minoria social que está sendo subjugada por um grupo que detém alguma forma, poder político, intelectual ou financeiro sobre os homens comuns. A comunidade acadêmica de certa forma seria uma elite intelectual, aos olhos da massa popular, pois seriam vistos como os construtores do conhecimento.

De fato, os ataques da Brasil Paralelo se direcionam para o ensino público superior e os meios de comunicação, tais instituições são tão atacadas por serem consideradas pelos adeptos da tal teoria da conspiração como os redutos onde são postas em práticas tais planos perversos de manipulação da cultura, portanto, toda a informação vinda da universidade deve ser instantaneamente anulada por estar contaminada pelo suposto Marxismo Cultural.

³ Uma teoria da conspiração dotada de várias metodologias e discursos anti-marxista afirmando a existência de um plano marxista de se infiltrar na cultura com o objetivo implantar o marxismo, acusado com idealizador de tal prática o italiano Antônio Gramsci e aplicador desta técnica Herbert Marcuse, Ideia defendida por Olavo de Carvalho.

Segunda questão consiste no escasso, talvez existente material bibliográfico que sustenta o discurso da Extrema Direita acerca do Marxismo Cultural, faz-se referência a um único livro, “O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota”, escrito por Olavo de Carvalho, um das principais personalidades entre os entrevistados dos documentários do Brasil Paralelo e atualmente considerado “guru” da Extrema Direita. Embora Olavo tenha escrito outras obras desde a década de 1990, esta obra é a mais icônica e referenciada por personalidades da Extrema Direita, tal obra é uma coleção de artigos políticos publicados em revistas e jornais.

A teoria do Marxismo Cultural, outrora, também é possível ouvir referências a ela como Gramscismo Cultural, ela foi importada para o Brasil pelo seu e atualmente o maior propagador, Olavo de Carvalho, as referências desta teoria estão em suas obras, porém se fazem muito presente em suas palestras e minicursos pelo Hangout⁴.

A terceira questão diz respeito a que todas as ideias e discursos propostos são disseminados na internet, em redes sociais, e sites de vídeos como o Youtube, espaço virtual em que é disponibilizado todos os materiais do Brasil Paralelo de forma gratuita.

Dentro do próprio documentário é expressada a necessidade de combater o inimigo ideológico que tem o objetivo de destruir a cultura ocidental para poder instalar o Comunismo, este inimigo é o Marxismo Cultural no caso brasileiro, é produto de uma leitura errada das ideias de Antonio Gramsci, Marcuse e Lukács, Olavo de Carvalho, ao referir ao filósofo húngaro Lukács, afirma que.

Mas um cérebro marxista nunca é normal. O filósofo húngaro Gyorgy Lukacs, por exemplo, achava a coisa mais natural do mundo repartir sua mulher com algum interessado. Pensando com essa cabeça, chegou à conclusão de que quem estava errado não era a teoria: eram os proletários. Esses idiotas não sabiam enxergar seus “interesses reais” e serviam alegremente a seus inimigos. Estavam doidos. Normal era Gyorgy Lukács. Cabia a este, portanto, a alta missão de descobrir quem havia produzido a insanidade proletária. Hábil detetive, logo descobriu o culpado: era a cultura ocidental. A mistura de profetismo judaico-cristão, direito romano e filosofia grega era uma poção infernal fabricada pelos burgueses para iludir os proletários. Levado ao

⁴ Ferramenta de videoconferência disponibilizada pela plataforma Google de forma gratuita.

desespero por tão angustiante descoberta, o filósofo exclamou: “Quem nos salvará da cultura ocidental?” (Olavo de Carvalho, 2002).

Esta publicação feita por Olavo de Carvalho, no jornal O Globo no dia 8 de junho de 2002, demonstra o quanto é deturpada e má intencionada as análises feitas sobre este autor, ao se referir à Lukács, Olavo tenta, antes de discorrer sobre a ideia que tenta atribuir a ele, ridicularizar a imagem de Lukács com afirmações tão duvidosas e má intencionadas já em relação aos seus comentários acerca dos proletários, há uma clara intenção de ridicularizar a obra de Lukács.

A professora e socióloga Sabrina da Fonseca Borges Fernandes, é uma ativista eco socialista que age em defesa da Palestina, em uma mobilização junto de outros professores pesquisadores criaram canais no site Youtube de divulgação científica com a intenção de contestar e corrigir estas afirmações pseudocientíficas e revisionistas.

Em seu canal Tese Onze, Fernandes, no vídeo de número 37 intitulado de Gramsci, Marcuse e Marxismo Cultural, discorre sobre as constatações de Lukács e Marcuse sobre o proletário a qual Olavo aborda de forma sintética e duvidosa. Segundo Fernandes.

“Marcuse diz, a classe trabalhadora é a negação viva do sistema capitalista e seu modo de dominação e ela é um sistema revolucionário, mas todavia porém, a unidimensionalidade tem feito da classe trabalhadora um alvo fácil para as forças conservadoras (Olavo e seus amigos), debaixo dessa base popular conservadoras existem pessoas pauperizadas, condenadas pela sociedade, gente desempregada, racializadas, todas estas pessoas estão fora do estado democrático de direito.”

A classe trabalhadora que está fora do estado democrático de direito, mesmo que em sua consciência seja a favor das ideias conservadoras, as reproduzindo por algum motivo, talvez por falta de consciência de classe proporcionada pela falsa impressão de uma qualidade de vida que a sociedade capitalista proporciona. A condição de poder adquirir alguns bens materiais pode causar a impressão de que é pertencente a uma camada da sociedade a qual na realidade não pertence.

O mesmo pode ser consequência de algum discurso religioso que prega valores culturais conservadores, tais valores que estão relacionados com os mesmos costumes que idealizam a família tradicional e condutas religiosas, da

suposta Cultura Ocidental que os ultraconservadores defendem de ser destruída pelo Marxismo Cultural, no entanto, Marcuse diz que “estas pessoas⁵ existem fora do processo democrático; sua vida é a necessidade mais imediata e real de acabar com instituições e condições intoleráveis.” (Marcuse 1954)

A oposição às suas condições impostas pelo sistema político, faz destas pessoas agentes revolucionários mesmo que suas consciências não sejam, Marcuse continua, “Sua oposição atinge o sistema de fora e, portanto, não é derrotada pelo sistema; é uma força elementar que viola as regras do jogo e, ao fazê-lo, revela-o como um jogo de manipulação.” (Marcuse 1954)

O público que adere o discurso do grupo Brasil Paralelo, muitas vezes são pessoas que estão na posição social a qual se refere Marcuse, estão necessitadas em se agarrar em uma causa contra o sistema político vigente, marcado por casos de corrupção de desigualdade social que aflige essas pessoas. Pela falta de consciência de classe, há a consequência da defraudação pelo tom do discurso, acabam aderindo qualquer discurso que concorde com o anseio do momento, abrindo espaço para as ideias da Extrema Direita e de suas personalidades como Olavo de Carvalho.

Para quem adere ao discurso de Olavo de Carvalho e vem a ter contato com o projeto Brasil Paralelo instantaneamente já identifica o seu inimigo como os marxistas. O Marxismo Cultural é uma mescla de várias metodologias antimarxistas provenientes desde o início do século XX, nos dias atuais, elas agem contra as ideias que combatem os preconceitos estruturais das sociedades.

Dentro desta teoria conspiracionista, há o discurso em defesa da suposta cultura ocidental e de seus valores religiosos, defende-se que o Marxismo cultural propõe destruir estes valores através de liberdade sexual, da mudança nos conceitos de gênero. O meio para atingir estes objetivos são as formas de mídias como adverte Olavo de Carvalho.

Em poucas décadas, o marxismo cultural tornou-se a influência predominante nas universidades, na mídia, no show business e nos meios editoriais do Ocidente. Seus dogmas macabros, vindo sem o rótulo de “marxismo”, são imbecilmente aceitos como valores culturais supra-ideológicos pelas classes empresariais e eclesiásticas cuja destruição é o seu único e incontornável

⁵ Os pertencentes a classe trabalhadora que não tem consciência de classe, consequência proporcionada por um pouco de condições de acesso ao mercado capitalista.

objetivo. Dificilmente se encontrará hoje um romance, um filme, uma peça de teatro, um livro didático onde as crenças do marxismo cultural, no mais das vezes não reconhecidas como tais, não estejam presentes com toda a virulência do seu conteúdo calunioso e perverso. (Olavo de Carvalho. 2002)

Em investidas na tentativa de combater estes discursos da Extrema Direita, utilizando da mesma tática do projeto Brasil Paralelo, alguns professores se propõem a fazerem vídeos com o objetivo de rebater estas ideias, como Sabrina Fernandes e Demian Melo, ambos tentam apontar as falhas e os erros destas teorias da conspiração e a esclarecer o seu surgimento.

De acordo com Melo (2019) em seu vídeo intitulado “A teoria da conspiração do "marxismo cultural"” ele afirma que não são poucas semelhanças com o Bolchevismo Cultural, tal termo foi citado no livro de Adolf Hitler, Mein Kampf (Minha Luta), tal termo fazia referência a poluir a sociedade com as influências comunistas.

Melo (2019) segue afirmando que o Bolchevismo Cultural era acusado de invadir a cultura alemã do período. Tal ideologia⁶ era acusada de tentar se instalar através das vanguardas artísticas modernistas que vinham surgindo nas décadas de 1920 e 1930.

Podemos então citar exemplos de casos desse suposto Bolchevismo Cultural sendo, segundo Melo (2019), combatido pela política nazista, tais ações são contra as instituições das vanguardas artísticas que sofrem com a perseguição fundamentada no Bolchevismo Cultural, há o caso do teatro de Bertolt Brecht, neste caso por ser assumidamente de posição marxistas e promover encenações de obras clássicas agregadas com valores ideológicos, obras autorias e análises culturais que expressavam seu posicionamento político além de interpretar obras oriundas do teatro soviético.

⁶ O termo ideologia, significa literalmente, estudo das ideias, surgindo no século XIX porém mudou seu significado com o passar do tempo, tornando um termo com um significado mais amplo. neste trabalho a se ler ideologia, se faz referente à Ideologia política, tal elemento é presente em todos as esferas políticas inserida nos discursos destinado ao público, assim atingem o espaço social disseminada pela reprodução do discurso, sendo assim impossível de haver a inexistência de ideologia em qualquer posicionamento de natureza política em qualquer esfera social ocupada pelo ser humano. A esquerda tanto quando a Direita são dotadas de medidas políticas com intenção de atender seus interesses ideológicos, porém aqui é focado no interesse ideológico de um pequeno recorte social da Direita, precisamente os que compartilham dos anseios da Extrema Direita propostos no projeto Brasil Paralelo.

Diante das agitações do período da república de Weimar, o cinema expressionista que transformava o audiovisual, utilizava da distorção de imagens, sombras e luzes, para jogar com a emoção do espectador, criando também elemento do monstro personificando um medo, em suas obras também eram presentes elementos com teor político e críticas sociais.

A Escola de Arte Bauhaus, tinha um posicionamento que pedia para o espectro da Esquerda. Esta escola foi feita partir da união da escola de belas artes e uma escola de artesanato, posteriormente integrando o "design", partindo do princípio de democratizar suas criações, peças industriais de formato diferenciado porém simples e acessível à população, uma Arte consideravelmente minimalista e modernista projetada em linha de produção para atender todas as camadas sociais.

A escola foi fechada em 1933 pelo governo nazista justamente por ser considerada comunista, seus principais professores iam encontro com a ideologia do partido Nazista.

Semelhante a teoria do Bolchevismo Cultural durante o Nazismo, o Marxismo Cultural afirma que há uma conspiração da esquerda, que neste tipo de pensamento se atribui todo o espectro político de Esquerda ao Comunismo.

Ao se referir ao projeto Brasil Paralelo e os adeptos deste discurso, são considerados como elementos pertencentes à Extrema Direita, considerando que a Direita como um espectro político é algo amplo, da mesma forma que a própria Esquerda também é.

Esta Extrema Direita Brasileira, quando referida à ela, é ainda algo muito genérico, difícil de conceituar precisamente diante de toda a Direita, tal dificuldade é consequência de sua recente presença no cenário político atual do Brasil, o que é presença de ideias extremamente reacionárias ao nível de um profascismo.

As concepções desta Extrema Direita fazem que no seu ideário, qualquer elemento menos radical ou que não concorde plenamente com ideário seja arremessado diretamente para o espectro oposto, pois partem de ideias generalistas, identificam que a esquerda é uma coisa única e maciça, sem espaços para ideias divergentes enquanto a Esquerda é o posto porém também maciço, todas as nomenclaturas políticas têm o mesmo significado, é tudo resumido no marxismo.

É algo muito visível no Marxismo Cultural, nesta teoria é muito presente a generalização destes espectros políticos, isto é devido a ideia dos seguidores desta suposta teorias estarem em uma luta declarada do bem contra o mal em busca libertação do marxismo que afirmam ter se impregnado na sociedade por políticas da Esquerda que contaminou a cultura.

Os propagadores da teoria estão em denunciar conspiração tão secreta que poucos tem a capacidade de perceber. Em tal conspiração a esquerda tenta implantar o comunismo através da cultura destruindo os valores tradicionais da cultura ocidental.

Para tal teoria os “conspiracionistas marxistas culturais” se infiltraram na mídia, ocupando todos os seus espaços, na academia científica, educação e governo, promovendo por estes meios, talvez podendo ser chamada revolução cultural marxista.

O discurso conspiracionista do marxismo cultural é fundamental no material do Brasil Paralelo, é o elemento norteador para a produção do projeto, esta teoria da conspiração passa a ser uma alavanca para as ideias revisionistas da História, o objetivo dos documentários é, combater o suposto Marxismo Cultural em uma cruzada.

Com a justificativa da contaminação da cultura pelo Marxismo Cultural, tal ideia é utilizada como uma alavanca para a criação de um revisionismo da História. Para este discurso, não é possível confiar nas instituições de ensino e qualquer outra forma de divulgação de informação que não seja declarada de viés de Direita.

Provocando a impressão, de forma intencional pois o discurso é direcionado em expressarem a ideia de estarem em uma cruzada em busca da recuperação da cultura Brasileira em questão de valores familiares e religiosos. Referindo-se também aos mesmo valores, outrora, quando se referindo ao plano interacional de domínio da cultura pelo Marxismo Cultural, estão em defesa da suposta Cultura Ocidental.

Tudo o que foi exposto até aqui compõe o conjunto de características do revisionismo histórico proposto pelo grupo Brasil Paralelo, que pretende justificar a sua “cruzada cultural” através da propagação de concepções políticas de extrema direita, utiliza da teoria da conspiração do Marxismo Cultural como base para a

estruturação do discurso de revisionismo histórico que por sua vez alimenta o discurso demagógico da política de extrema direita que reproduz a ideia de estar em uma guerra contra um inimigo de ideologia antagônica.

Revisionismo Histórico.

No ano de 2011, na sexta edição da revista anual *Transfers Autors* do instituto Ramon Llull, o historiador Giovanni C. Cattini faz uma publicação de um pequeno artigo, porém muito esclarecedor, intitulado de *Historical revisionism The reinterpretation of history in contemporary political debate*. Neste artigo, logo no primeiro tópico Cattini explana.

When we speak of historical revisionism we have to tread very carefully, as the academic world is one thing and the use that, at times, the falsification and the openly party political use of the past can take on in the political debate is another.⁷ (Cattini, 2011. P. 3)

Porém atualmente no debate político, como explana Cattini em seu artigo, deve ser percebida de formas diferentes a conotação de revisionismo no campo científico e no pseudocientífico. O mesmo termo tem outra conotação no meio amador da pseudociência, pois o termo “revisionismo” é utilizado de forma desonesta.

Talvez a melhor conotação para ser dada a este revisionismo histórico pseudo científico, seja como um método discursivo ou uma estratégia de diálogo, utilizado para desenvolver uma narrativa histórica com o propósito de sustentar um discurso através das ambiguidades do tema histórico abordado.

Como forma de defender um espectro político ou de atacar outro, são utilizados para tal ato estes revisionismos, como nas atuais narrativas que são propagadas na internet que afirmam de forma bem particular e específica que o Nazismo e Fascismo são ideologias políticas do espectro da Esquerda.

Utilizando o revisionismo histórico como método, é possível criar fontes, dependendo da audácia de quem comete a prática e distorcer a informação de

⁷ Quando falamos de revisionismo histórico, temos de agir com muito cuidado, pois o mundo acadêmico é uma coisa e o uso que, às vezes, a falsificação e o uso político abertamente partidário do passado podem assumir no debate político é outra. (Tradução livre do texto feita pelo autor.)

algumas fontes retiradas de contexto, para que seja assim possível formatar uma memória coletiva para aderir ao ideário do revisor desta história.

A memória coletiva, de forma simplificada, é história porém de origem popular, é o fruto da identidade cultural que surge nas convenções sociais que ocorrem dentro de nossa sociedade, é o que os antepassados passam para a geração posterior, ela é transmitida de forma imaterial, pelo relato, dotado de afeto impressões emocionais. Parafraseando Le Goff (2000), há pelo menos duas histórias: a da memória coletiva e dos historiadores. A primeira é essencialmente mítica, deformada, anacrônica: essa constitui o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado.

Essa história, que é reproduzida no discurso da memória coletiva, é a ferramenta ideal de manipulação do discurso político, agindo direto nessa memória, utilizando das ambiguidades dos fatos.

No diálogo cotidiano, nas redes sociais é possível ver o revisionismo e negacionismo histórico⁸ na disputa entre pontos de vista ao discutir assuntos espinhosos como racismo, escravidão, política e preconceitos sociais. É possível ver o revisionismo e o negacionismo histórico como uma forma de defender os pontos de vista nessa disputa. Para Škorić e Bešlin, esse revisionismo em pequena escala está relacionado à satisfação pessoal.

Most often, these reinventions of the past serve the purpose of fulfilling some current personal or political interests, needs, motives and the like, guided by the so-called therapeutic values (Tucker 2008) which offer their followers psychological peace, satisfaction and basis for the uniting of like-minded individuals.⁹ (Škorić e Bešlin, 2017, p. 633)

Retornamos ao ponto das discussões nas redes sociais sobre o posicionamento do Fascismo e Nazismo em seus espectros políticos, quando nas

⁸ O negacionismo histórico é uma prática diferente, mais audaciosa e não totalmente separada do revisionismo pois necessita praticá-lo para gerar fatos que negam determinado acontecimento histórico. Há no caso brasileiro um negacionismo muito discreto sobre a Ditadura Civil Militar, não se dedicam a negar completamente o fato histórico mas diminuem a gravidade de fatos sobre a repressão militar do período de 1964 à 1985.

⁹ Na maioria das vezes, essas reinvenções do passado servem ao propósito de satisfazer certos interesses pessoais ou políticos, necessidades, motivos e afins, guiados pelos chamados valores terapêuticos (Tucker 2008) que oferecem aos seus seguidores paz psicológica, satisfação e base para a união de indivíduos com ideias afins.

nestas redes, os influenciadores digitais da Direita afirmam que o nazismo é um regime político de orientação à Esquerda do espectro, isto é a pura manifestação dos valores terapêuticos referidos por Škorić e Bešlin.

No atual cenário político brasileiro, estas ideias são clara tentativa de proporcionar a paz psicológica e livramento de culpa, em querer distanciar do espectro político de Direita o referido regime político. É possível afirmar que tal ação se dá como forma de contrapor as acusações da Esquerda em afirmar que o perfil político da atual Extra Direita brasileira se aproxima muito das características de um regime fascista.

Diante da crise política que se sucede no país, a Extrema Direita se vê como uma grande instituição que promove a moralidade política no território nacional, totalmente alinhado com valores religiosos e pautas conservadoras que zelam por valores tradicionais da vida privada, sendo identificados por si mesmos como o elemento do bem numa luta contra o mal. Surge então a necessidade de criar fatos para fazer a sua defesa, é possível identificar estes elementos (a Direita como a instituição promotora do bem e atitudes revisionistas) em um parágrafo de um texto de Olavo de Carvalho.

A resposta não demorou a surgir. Felix Weil, outra cabeça notável, achava muito lógico usar o dinheiro que seu pai acumulara no comércio de cereais como um instrumento para destruir, junto com sua própria fortuna doméstica, a de todos os demais burgueses. Com esse dinheiro ele fundou o que veio a se chamar “Escola de Frankfurt”: um “think tank” marxista que, abandonando as ilusões de um levante universal dos proletários, passou a dedicar-se ao único empreendimento viável que restava: destruir a cultura ocidental. Na Itália, o fundador do Partido Comunista, Antônio Gramsci, fôra levado a conclusão semelhante ao ver o operariado trair o internacionalismo revolucionário, aderindo em massa à variante ultranacionalista de socialismo inventada pelo renegado Benito Mussolini. Na verdade os próprios soviéticos já não acreditavam mais em proletariado: Stálin recomendava que os partidos comunistas ocidentais recrutassem, antes de tudo, milionários, intelectuais e celebridades do “show business”. Desmentido pelos fatos, o marxismo iria à forra por meio da auto-inversão: em vez de transformar a condição social para mudar as mentalidades, iria mudar as mentalidades para transformar a condição social. Foi a primeira teoria do mundo que professou demonstrar sua veracidade pela prova do contrário do que dizia. (Olavo de Carvalho 2002)

O revisionismo histórico é uma alternativa para promover uma defesa da posição de sua ideologia, acusar o Fascismo italiano e Nazismo como regimes de

Esquerda, é uma arma defensiva que tem um duplo modo de operação, o efeito de tais ações revisionistas promovem duas impressões aos leigos, primeiramente reforçando a impressão, transformando-a em fato, sobre este revisionismo Škorić e Bešlin dizem.

These values in historiography usually include: the denial of historical guilt (the Holocaust), the promotion of self-respect (national myths) and the elimination of a sense of alienation and absurdity (conspiracy theories). Finally, there is another mention-worthy factor, the one of mental instability, since people with “strange” ideas may also be mentally unstable individuals (Feder 2014). (Škorić e Bešlin, 2017. P. 633)¹⁰

A Extrema Direita, no caso brasileiro e seu entendimento sobre a sua posição política, se identificam como um grupo que faz com que prevaleça o bem em uma luta contra o mal, isso é baseado muitas vezes em uma moral religiosa, já que na perspectiva deste grupo, todos os regimes políticos que de algum modo foram promotores do mal contra a humanidade (Comunismo e Socialismo) estão na Esquerda e o Fascismo e Nazismo também, no caso brasileiro há discursos revisionistas que alinham estes regimes com a Esquerda afirmando serem variantes dos dois principais regimes políticos deste espectro, o que justificaria as atrocidades cometidas nestes regimes.

O segundo modo de ação desta arma é o afastamento da culpa. De certa forma, os propagadores dessas ideias de extrema direita se demonstram sua ignorância científica, pois é gritante o volume de relativismo e anacronismo ao se relacionar estes dois regimes de Direita à Esquerda.

Isto é uma tentativa de se eximir de culpa, pois no senso comum dos integrantes e propagadores dessa Extrema Direita no Brasil, são um grupo político que promove os valores dos bons costumes e direito à vida e sua defesa (mesmo defendendo idéias incoerentes à defesa da vida, reivindicando a pena de morte), enquanto a Esquerda é uma coisa única de ideologia marxista intencionada em acabar com os bons costumes.

¹⁰ Esses valores na historiografia geralmente incluem: a negação da culpa histórica (o Holocausto), a promoção do respeito próprio (mitos nacionais) e a eliminação de um senso de alienação e absurdo (teorias da conspiração). Finalmente, há outro fator digno de menção, o da instabilidade mental, uma vez que pessoas com idéias "estranhas" também podem ser indivíduos mentalmente instáveis (Feder 2014).

Há outras motivações que promovem os revisionismos da história, Škorić e Bešlin (2017) afirmam em seu artigo. O primeiro deles é certamente o dinheiro, sendo utilizado várias fraudes, mitos, mistérios ou histórias fictícias com a finalidade de vender artefatos, livros, palestras, camisetas e coisas do gênero.

Diante do projeto Brasil Paralelo, tal fato se torna perceptível pela forma em que operam, embora os documentários de viés revisionista são disponibilizados gratuitamente pelo Youtube, a maior parte do material, como, palestras com os entrevistados, núcleos de estudos, *masterclass*, e conteúdos exclusivos, são disponibilizados a quem desejar ser membro do grupo mediante a pagamento, já que o Brasil Paralelo é uma empresa de capital privado.

Além do dinheiro, há também a fama, pois, provavelmente, os seus responsáveis consideram que, ao refutar uma certa crença do passado (ou artigo científico), um indivíduo pode tornar-se famoso e rico ou ser prestigiado socialmente.

3. CAPÍTULO 2 : HISTÓRIA E TEORIA

A Revolução Francesa e a História.

A prática de narrar o passado escrevendo sobre ele em registros é mais antiga que a filosofia na Grécia, havendo relatos do Império Acadiano dos escribas relatando a história do seu espaço, era uma forma de relato oficial da História, encomendada pela corte.

Esta forma de história, o relato do passado de um espaço social na forma de crônica se fez muito presente na Grécia, a prática, como já foi dito é mais antiga que a filosofia, permaneceu com o mesmo propósito durante a antiguidade clássica.

Partindo de um marco utilizado para separar o tempo histórico na linha do tempo, a queda do Império Romano em 476 parte para o início da Idade Média. Durante todo este período a história escrita permaneceu com o perfil de crônicas que tinham como objetivo apenas registrar a memória do espaço social a qual redigia o escritor.

Esta mudança na escrita da História ocorreu, em grande intensidade no século XIX, este período pode ser considerado o surgimento das ciências humanas, Sociologia, Antropologia, Filologia, Psicologia e a própria História como uma disciplina acadêmica. Este século em particular, tem como um grande fato para o método científico como um todo o surgimento e aderência do Positivismo na França, por influências do Iluminismo e pelo seu despertar da intelectualidade.

Após a Revolução Francesa que ocorreu às vésperas daquele século, as agitações promovidas por esta revolução não ficaram restritas ao espaço nacional francês como um produto único daquela sociedade.

É impossível não abordar a Revolução Francesa devido a força da sua influência ao redor do globo, foi ela a força motriz que mobilizou um século de mudança e futuras revoluções sociais, políticas e intelectuais. De fato, “entre todas as revoluções contemporâneas, a Revolução Francesa foi a única ecumênica. Seus exércitos saíram para revolucionar o mundo; suas ideias de fato o revolucionaram. (Hobsbawm, 1977)

O impacto de tão grandiosa revolução ganhou o mundo, sem ter ficando retida no seu espaço nacional, muito menos ficaria sem provocar efeitos radicais em outras áreas promovidas pela interação humana, as ciências.

A evolução das ciências por consequência da Revolução, nas ciências exatas houve mudanças, em parte porque esta lhes colocou novas e específicas exigências, em parte porque lhes abriu novas possibilidades e confrontou-as com novos problemas, e em parte porque sua própria existência exigia novos padrões de pensamento. (Hobsbawm, 1977)

O impacto mais grandioso aguarda na área das ciências humanas, o processo decorreu no pós revolução gerou uma grande demanda da necessidade de compreender todo o turbilhão de mudanças após 1799 na Europa, segundo Hobsbawm.

A criação da História como uma matéria acadêmica talvez seja o aspecto menos importante desta historiografia das ciências sociais. É verdade que uma epidemia de historiadores tomou conta da Europa na primeira metade do século XIX. [...] Na França o ímpeto para entender o presente através do passado era particularmente forte, e a própria Revolução logo virou assunto de intensos e partidários estudos [...]. (Hobsbawm. 1977. P. 438)

A necessidade de compreender o que ocorreu na França e Europa, instigou os historiadores ao ponto de que fosse desenvolvido métodos para discorrer a escrita das análises elaboradas por seus estudos, e também para demarcar as fronteiras culturais dos nacionalismos.

Os movimentos nacionalistas foram utilizadores da História para fortificação e esquematização de suas identidades, Hobsbawm ressalta.

Os resultados mais duradouros desde o despertar histórico se deram no campo da documentação e da técnica histórica, escritas ou não, se transformou em uma paixão universal. Talvez em parte, fosse uma tentativa de salvaguardá-las contra os ataques do presente, embora o nacionalismo fosse o seu mais importante estímulo [...] os historiadores, os lexicógrafos e os colecionadores de canções folclóricas foram muitas vezes fundadores da ciência nacional. (Hobsbawm. 1977. P. 439)

Nessa busca da delimitação da própria cultura na definição da identidade nacional, surgem métodos de pesquisa, nas maneiras de consultar documentos antigos, escrever o passado, preservar a arquitetura e a arte, estes hábitos acarretaram na elaboração das primeiras teorias metodológicas da História na criação dos métodos historiográficos.

A Revolução Francesa é considerada aqui como o ponto de partida de um efeito dominó traduzidos em acontecimentos em todo o globo, os efeitos por sua vez tiveram a necessidade de serem compreendidos, a magnitude das transformações sociais, os motivos que ocasionaram a Revolução, a influência que teve nas outras sociedades, somando com os primeiros passos da formação dos estados nacionais nos séculos XVIII e XIX e a criação e estipulação da cultura para cada espaço.

De qualquer modo, de uma maneira ou de outra, o contexto científicidade que se abre para as ciências humanas da passagem para o século XVIII para o XIX pode ser considerado o momento ideal para o surgimento da Teoria da História. (Barros, 2011. P. 102)

Estes fatos proporcionaram uma cadeia de efeitos para a criação da História como disciplina, e uma grande onda de movimentos que levaram ao desenvolvimento de métodos através das práticas de utilizar a História, cada dia tornando esta disciplina mais sofisticada, porém não é o ponto de partida das teorias

historiográficas é apenas o surgimento de um terreno fértil para proliferar o que já vinha acontecendo.

2.2 - A evolução da História e as primeiras teorias da História.

No ano de 1725, Vico publica sua obra com o título *A Ciência Nova*, este foi um marco zero da História como Ciência, neste momento surgiu a primeira teoria para o uso da História, que logo no século seguinte virá a ter seu espaço como disciplina, anteriormente o que havia eram apenas filosofias da história,

A *Ciência Nova* de Vico defendia a tese que cada nação passa por várias fases de desenvolvimento e cada fase possuía um caráter específico que permeava todos os setores da expressão e da vida humana. (Gardiner, 1964)

Esta publicação de Vico trazia a inovação da teorização da História, o autor propõe uma teoria cíclica da história. Nas intenções de Vico ao contrário do mundo dos objetos e dos acontecimentos que uma vez deus criou, somente ele os conhece (Gardiner, 1964) assim, no mundo dos homens, tudo é produto das relações humanas, os espaços nacionais e seus modos de comércio, política, economia e cultura, só poderiam ser compreendidos através da História estudando as relações humanas.

A poesia, teatro, música não eram produtos de um passado sofisticado, muito menos o direito havia sido criado através da intenção de equidade natural dos homens, como explana Gardiner.

Na realidade, tais instituições só podem só se podem compreender depois de os factos da sua história terem sido convenientemente investigados e interpretados por filólogos capazes de recriarem imaginativamente o carácter das épocas em que surgiram. (Gardiner. 1964. P. 13)

A Teoria de Vico certamente serviu como um farol que direcionou futuros pensadores sobre o processo histórico, a *Ciência Nova* abriu percepções para o tamanho da importância do uso da História para a compreensão dos produtos das relações humanas.

Seguindo no avanço das teorias historiográficas, após os agitos da Revolução Francesa, em 1830 é publicado por Comte o primeiro volume do Curso

de Filosofia Positiva, saia desta obra o ponto de partida da teoria científica do Positivismo.

A partir desta teoria foram elaborados métodos de pesquisa científicas, que ainda são utilizados na contemporaneidade e indispensáveis nas áreas das ciências exatas, biológicas e físicas, o conceito de falseabilidade, isto é, na ciência contemporânea, só pode ser considerado teoria científica quando se pode testar todas as hipóteses diversamente na intenção de repetir os resultados podendo constatar as hipóteses elaboradas.

Durante a elaboração das Filosofia Positiva, Comte havia também idealizado uma forma de analisar as interações sociais e os fenômenos destas interações, também elaborando a Física social, o objetivo de tal teoria e compreender o progresso social na evolução da Ciência Positiva, esta, por sua vez destinada a compreender os fenômenos físicos, na concepção de Comte, uma era necessária para compreender a outra, de acordo com Gardiner.

É na ciência social, segundo Comte, que culmina o movimento histórico constituído pelo sucessivo aparecimento da matemática, da astronomia, da física, da química e da biologia como ciências positivas. Acontece ainda que este desenvolvimento geral do conhecimento científico faz parte, por sua vez, de um processo evolutivo, A famosa lei dos três estados, que Comte considerou uma descoberta de importância primacial, descobre o espírito humano em função da sua passagem por três estados Teológico, Metafísico e Científico. Deste modo, o seu projeto de interpretação dos fenômenos sociais sob forma científica era considerado por ele como justificado, de certo modo, pela própria história: era a consequência inevitável de uma lei histórica necessária. (Gardiner, 1964. P. 89)

Embora, Gardner (1964), considera que a forma de Comte tratar a história é muito confusa, porém, por Comte é considerada como justificada, utilizando da sua teoria das ciências positivas para explicar os fenômenos sociais como consequências dos fenômenos físicos, Gardner (1964) afirma que isso torna sua obra repetitiva e exaustante, ainda assim, o elemento mais interessante da teoria de Comte são suas referências para sustentar suas ideias.

As filosofias da história foram as antecessoras influentes dos pensamentos de Comte, estas por sua vez ocupam o espaço de promotoras da percepção dentre uma necessidade do cientificismo da história, afirma Barros.

De acordo com essa perspectiva, pode-se estabelecer uma distinção mais clara entre as “filosofias da história” ou outras formas de concepção histórica como as “teologias da história”, e as teorias da história propriamente ditas, considerando que estas se vinculam ao novo momento em que a historiografia passa a reivindicar um estudo de cientificidade, chamando a si novas necessidades. (Barros, 2011. P, 85)

Estas filosofias da história foram que serviram de base teórica para a Física Social do Iluminismo, também foram as mesmas que iniciaram os movimentos para o desenvolvimento das primeiras teorias da história do século XIX, estas filosofias da história precisam ser ressaltadas para percebermos o tamanho dos movimentos do século XVIII.

É extremamente relevante ressaltar algumas destas filosofias para ser compreendida a História na contemporaneidade, como a disciplina que surgiu no século XIX, no tempo atual está servida de teorias da história ao nível de gerarem escolas teóricas, sendo necessário haver a disciplina da Teoria da História para possibilitar a compreensão destas teorias propriamente ditas, Barros discorre sobre algumas destas filosofias que influenciaram o Positivismo.

O principal traço herdado do Iluminismo é certamente a ambição de encontrar “leis gerais”, ou os “padrões” que a multiplicidade e diversidade da experiência histórica poderiam encobrir. Alguns dos filósofos iluministas como o Barão de Montesquieu (1689-1775) [...] obsessão em identificar os elementos primordiais que constituíram, por trás da diversidade, a propalada “uniformidade da natureza humana [...] David Hume. Em 1739 ele já havia escrito um *Tratado da Natureza Humana* [...] Para a história, ele contribuiria com o seu esforço de elaborar em seis volumes uma monumental *História da Inglaterra (1754-1762)*. Em *Inquéritos sobre o entendimento humano (1777)* [...] Immanuel Kant (1724-1804), filósofo iluminista que se ocupará a elaborar a sua própria Filosofia da História, já sustentava o pressuposto de que a História deveria ser examinada sob o duplo prisma da racionalidade e universalidade. Em *Ideia de uma História Universal sob o ponto de vista cosmopolita* [...] As filosofias da história haviam começado a aparecer, no decorrer do século XVIII, a partir da introdução do gênero por Voltaire, que escreverá a sua primeira versão de uma *Filosofia da História* em 1767, [...] *Ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*. (Barros, 2011. P. 81)

Conforme demonstra Barros, são enormes as concepções de História que vinham surgindo no referido período entre os dois séculos, estas filosofias da história que serviram de respaldo para a ideia da elaboração da Física Social de Comte, também não acabaria de influenciar somente o Iluminismo.

O Historicismo Alemão¹¹ surge da vontade de realizar a unificação alemã, indo em busca do nacionalismo, utilizando do estudo de fontes antigas, recuperando contos folclóricos e exaltando a ordem monárquica como pilar institucional da Nação.

Sua metodologia era voltada para promover a formulação de uma identidade nacional, procurando elaborar uma história recente ancorada em depoimentos orais (Barros 2011), relacionados a interpretação de textos e contextos históricos específicos, buscando sempre a virtude nacional, mesmo que fosse necessário editar a informação original do material, segundo Barros:

Qualquer época, para um historicista alemão, tinha sua própria importância e deveria ser examinada consoante critérios a elas adequados, bem como de acordo com seus próprios valores. O mesmo raciocínio valia para diversas espacialidades, e cada nação deveria ser compreendida em sua singularidade. (Barros, 2011. P. 109)

O problema do Historicismo é que para cada adepto da prática, havia um método de procedimento crítico para a avaliação da História, o que fazia com que o passado fosse reconstruído com intenções idealistas em vez de ser compreendido

Mesmo o Historicismo tendo seus aspectos negativos de abordagem da história, conseguiu se consagrar entre o século XIX, deixando a sua colaboração para construção de uma História científica afirma Hobsbawm.

A história acadêmica, enquanto inspirada pelo ensino de Leopold von Ranke e publicada nos periódicos especializados que se desenvolveram na última parte do século, estava correta em se contrapor à generalização baseada em fatos insuficientes, ou respaldada por fatos não confiáveis. Por outro lado, concentrava todos os seus esforços na tarefa de estabelecer os “fatos” e com isso contribuiu pouco para a história, exceto por um conjunto de critérios empíricos para avaliar certos tipos de evidência documental (como, por exemplo, registros de manuscritos de eventos que envolviam a decisão consciente de indivíduos influentes) e as técnicas auxiliares necessárias a esse intento. (Hobsbawm, 1998. P. 156)

A contribuição original do Historicismo com a História, foi o reconhecimento da necessidade de elaborar uma nova matriz historiográfica, depois de muita utilizada crítica documental que auxiliou a migrar o historiador, seja qual fosse a

¹¹ O Historicismo Alemão já é considerado como uma teoria da história por Barros (2011), pois fundamenta em estruturas de análises e servida de métodos mais complexos que as filosofias da história.

escola histórica para um rigoroso método de análise documental, algo que foi serviu muito ao uso do Marxismo na aplicação do Materialismo Histórico.

Outra grande contribuição para a historiografia partiu de Karl Marx e Friedrich Engels, com a sua teoria do Materialismo Histórico, embora esta teoria em seu primórdio tem parte na sua fundamentação no campo da Sociologia e Economia, atualmente não se restringe somente à estas duas áreas, sendo utilizada em outros campos das Ciências Humanas, utilizando de reflexões econômicas e históricas para a explicação das relações de exploração entre as classes sociais.

A necessidade de compreender as estruturas sociais utilizando da História, se configura no Materialismo Histórico, um método de compreensão de ação sobre a realidade que enxerga a existência dos seres humanos, dentro de um contexto histórico e de acordo com as relações materiais da sociedade humana.

Ou seja, por exemplo, se na atualidade o Brasil é um país onde há um racismo institucional, não por acaso, isto ocorre porque estas instituições foram edificadas em cima de processos de exploração de classes, tais considerada inferior uma mais que a outra, utilizando como critério de medida valores étnicos. Sendo assim, gerando uma lógica de produção sustentada por um modelo de exploração racista em nossa atualidade.

Esta forma de análise facultada por Marx e Engels foi uma das grandes contribuições, se não a maior, para a escrita da História e sua sociedade científica, porém a sua popularização e aderência enquanto método de pesquisa não era a intenção de Marx, mas sim uma consequência das possibilidades que tal tipo de reflexão oferecia, de acordo com Hobsbawm.

É difícil resgatar a admiração sentida por um cientista social inteligente e culto ao final do século XIX, ao se deparar com as seguintes observações marxistas sobre o passado, “que a própria Reforma é atribuída a uma causa econômica, que a duração da Guerra dos Trinta Anos se devia a causas econômicas, as Cruzadas à fome feudal por terras, a evolução da família a causas econômicas, e que a concepção de Descartes sobre os animais como máquinas pode ser relacionada com o crescimento do sistema da manufatura. (Hobsbawm, 1998. P. 161)

É completamente inegável a influência do Marxismo dentro do espaço intelectual, com o passar das décadas não permaneceu em um formato engessado, sofrendo várias releituras de outras percepções dos métodos originais de Marx,

deixando claro, Karl Marx nunca deixou uma receita de aplicação de suas ideias, tendo sido apenas uma personalidade precursora de ideias que são, de forma figurada, um livro aberto para os próximos pensadores se debruçarem e seguirem com as ideias.

Já o ano de 1929 é o início da revista dos Annales nas França, particularmente, esta revista futuramente iria conseguir se estabelecer com alguma força em um curto período de tempo como uma nova escola de pensamento histórico, levando menos de duas décadas.

Partindo da iniciativa de Marc Bloch e Lucien Febvre, se trouxe reflexões extremamente progressistas do papel da História enquanto uma disciplina, propondo mudanças na abordagem da História.

Por insatisfação com a predominância da história política das décadas de 1910 e 1920, julgando ser uma história de análise pobre, focadas em observar as estruturas de poder, grandes personalidades política das nações e fatos históricos grandiosos, em outras palavras, esta era a história oficial, a única que poderia ser verdadeira por ter sua veracidade comprovada por documentos oficiais, era o modo historicista, a qual os Annales viriam a criticar.

Para Bloch e Febvre, esta abordagem historicista da história ignorava a próprio fator humano ao redor destes fatos desconsiderando as estruturas sociais dos agrupamentos de indivíduos que eram deixados de lado por esta história de eventos, cronológica e narrativa.

Na visão dos precursores desta escola histórica, os seres humanos eram personalidades extremamente complexas em seus comportamentos, que abordar a história pela perspectiva historicista da história oficial não permitiria compreender com o mínimo de profundidade as sociedades e os seres humanos, pois estes grandes fatos icônicos, objetos de estudo da perspectiva historicista eram só pequenos reflexos de algo muito maior.

O sucesso da escola fez com que se formassem três gerações de Annales, cada uma delas agregou um aspecto novo na abordagem da História, mantendo o objetivo de compreender a História tendo como objetivo de estudo o homem.

A inovação da abordagem da História-problema por parte da primeira geração da Escola dos Annales de forma multidisciplinar, abrangendo no primeiro

momento outras áreas do conhecimento a Sociologia, Psicologia e Economia passando a realizar múltiplas abordagens do campo social, de acordo com Santos, Fochi e Silva

Os colaboradores dos Annales assumiram o esforço de ampliar as fontes e os métodos, ir além dos textos; incluir estatísticas, referências da linguística, da psicologia da numismática, da arqueologia, demonstrar interesse pela natureza, pela paisagem, pela população, demografia, pelas relações de troca, pelos costumes, rejeitar o factual em benefício da abordagem e compreensão da longa duração (SANTOS; FOCHI; SILVA. 2012. P. 92)

Esta primeira geração que era o ponto de partida para um movimento revolucionário da historiografia, passou a produzir uma maior problematização de suas fontes que agora não passariam mais a serem somente as fontes oficiais, as preferidas pelo Historicismo, ao invés de apenas se dedicar em sistematizar uma cronologia do passado, passou a tentar compreender o momento presente.

A partir do segundo momento da Escola dos Annales, com a segunda geração entre 1946 e 1968 sob a direção de Fernand Braudel, é o momento onde passa a ter a real forma de escola, com seus conceitos com uma melhor forma e passa a ocupar um espaço dominante na academia.

A liderança de Braudel contribuiu também com inovações para a escola, segundo Barros.

Braudel além de ser um grande líder para os Annales entre 1956 e 1969, ofereceu a mais brilhante contribuição historiográfica do período. Os Annales da segunda geração se beneficiaram com um líder carismático, um hábil executivo e um intelectual brilhante. Stoianovich, um dos mais reconhecidos historiadores do movimento, considera Braudel como o verdadeiro fundador do que se poderia chamar de 'paradigmas dos Annales', onde o conceito de longa duração adquire sua forma mais bem acabada [sic], para transformar-se em um modelo que seria seguido por novos historiadores, seja ela nas monografias regionais, ou seja, nos trabalhos de recorte mais amplo. (BARROS, 2012 P. 4)

Outra inovação dos Annales nesta segunda geração da escola, foi a abordagem de uma história quantitativa agregada junto dos métodos da primeira geração, esta história quantitativa se fez muito necessário pela consequência de entender a sociedade do pós Segunda Guerra Mundial.

Com o fim do evento ocorre como consequência mudanças na economia global, na demografia e nas fronteiras que foram reconfiguradas pela presença de novas ideologias políticas dominantes, além de todos os custos do conflito de toda ordem, era necessário compreender estas mudanças na Europa área onde era sediada a presença dos Annales, logo partiam deste continente o maior número dos problemas de pesquisa desta escola durante este período da segunda geração.

A partir da década de 1968, uma nova onda de historiadores compõe o surgimento de uma terceira geração de Annales, esta por sua vez, é uma leva muito difícil de rotular os seus perfis, adotaram entre si um campo de estudo inovador igualmente havia feito as duas gerações anteriores, porém era um campo muito amplo. Ninguém neste período dominou o grupo como o fizeram Febvre e Braudel. Alguns comentadores chegaram mesmo a falar numa fragmentação (Dosse, 2003).

Esta nova geração porém se fosse fragmentada, sem uma liderança central conforme afirma Dosse em *A História Em Migalhas*, ainda assim vários integrantes se mantiveram focados nas intenções de Febvre, conforme demonstra Burke.

Deve-se admitir, pelo menos, que o policentrismo prevaleceu. Vários membros do grupo levaram mais adiante o projeto de Febvre, estendendo as fronteiras da história de forma a permitir a incorporação da infância, do sonho, do corpo e, mesmo, do odor. Outros solaparam o projeto pelo retorno à história política e à dos eventos. Alguns continuaram a praticar a história quantitativa, outros reagiram contra ela. (BURKE, 1991. P. 56)

Dentro desta terceira geração, como consequência de uma abordagem de temas mais ligados ao imaginário, e a individualidade humana na sociedade com uma intensidade muito maior do que nas gerações anteriores, também foi aberto espaço pela primeira vez para o protagonismo das mulheres, como historiadoras e objetos de estudo, sendo esta uma das grandes contribuições desta geração sendo algo que se torna parte da identidade desta fase da escola por conta da originalidade da abordagem deste tema, Burke afirma.

A terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christiane Klapisch, que trabalhou sobre a história da família na Toscana durante a Idade Média e o Renascimento; Arlette Farge, que estudou o mundo social das ruas de Paris no século XVIII; Mona Ozouf, autora de um estudo muito conhecido sobre os festivais durante a Revolução Francesa; e Michèle Perrot, que escreveu sobre a história do trabalho e a história da mulher (Klapisch, 1981; Farge, 1987, Ozouf, 1976, Perrot, 1974). Os historiadores

anteriores dos Annales haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história, ou mais exatamente, por terem perdido a oportunidade de incorporá-la à história de maneira mais integral, já que haviam obviamente mencionado as mulheres de tempo em tempo, desde Marguerite de Navarre às chamadas bruxas (Fauré, 1980, Stuard, 1981). Nesta geração, contudo, a crítica torna-se cada vez mais impecunosa. Georges Duby e Michèle Perrot, por exemplo, estão empenhados em organizar uma história da mulher em vários volumes.

A terceira e última geração de Annales, não significa que tenha sido o fim desta escola história e de suas teorias, a partir desta última geração foi aberto um leque de campo de estudo para a história e novos métodos foram elaborados e atualmente são usados.

Na atualidade o campo da historiografia é um espaço muito amplo e de complexa compreensão destas teorias, havendo a necessidade da criação de uma disciplina para estudar, não todas as teorias existentes, mas as que foram a gênese da História, da Revolução Francesa, que abriu caminho para uma nova percepção da sociedade e o desabrochar de novas ciências que tem como o problema central a compreensão do próprio humano em seu meio a partir dos Annales.

A complexidade de produção da historiografia só faz sentido para própria academia científica, fazendo parte de um conhecimento restrito à população leiga, este conhecimento fica retido apenas no grupo acadêmico.

Esta restrição faz com que a população apenas consuma uma história já pronta, sem ter noção do processo de produção deste conhecimento, os meios a qual a população terá acesso a este conteúdo histórico, são normalmente em produtos midiáticos com temáticas, séries, filmes, livros, documentários. Tendo contato com a História científica apenas no período de escolarização destas pessoas.

Esta restrição da noção do processo de produção do conhecimento científico deixa espaço para a proliferação das teorias da conspiração e do revisionismo, histórico, como no caso do grupo Brasil Paralelo, somando com a característica que tais elementos têm de trazerem consigo um discurso com uma característica de intelectualidade, porém de fácil compreensão e atraente pelas ideias serem apresentadas com total concordância com o anseio coletivo do público alvo.

Ao contestarem o conhecimento científico, no caso do Brasil Paralelo, acusando de ser um elemento manipulável de um grupo de pessoas de ideologia política antagônica, estas pseudociências e revisionismo acabam sendo agradáveis aos ouvidos e assumindo a posição de um conhecimento confiável e verídico, por serem de fácil compreensão e irem de acordo com os anseios desta massa popular, é nesta lacuna, entre academia e sociedade que se instalou as raízes do Brasil Paralelo e brotou com um caule forte.

O discurso político e revisionismo Histórico, uma breve reflexão.

Outro elemento importante que precisa ser abordado neste trabalho acadêmico é a relação entre o revisionismo histórico e o discurso político da Extrema Direita atual.

Este discurso é muito fundamento no revisionismo histórico, não somente o produzido pelo projeto Brasil Paralelo, mas em outros projetos não muito mais antigos que o próprio Brasil Paralelo, que serviram também de inspiração para a produção dos materiais do grupo.

Pode ser citado como um promotor deste tipo de material os livros intitulados Guias Politicamente Incorretos Da História do Mundo, estas coletâneas revisionistas serviram de inspiração para um destes guias politicamente incorreto sobre a América e outro intitulado Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil, escrito pelo jornalista Leandro Narloch, participando também de algumas produções do Brasil Paralelo.

O próprio Olavo de Carvalho promove algumas empreitadas revisionistas em suas vídeo aulas, não se limitando apenas na história mas também na área da Filosofia e até mesmo Física afirmando refutar Newton e a teoria da relatividade de Einstein.

A prática do revisionismo histórico não é um fenômeno atual, Demian Melo aponta para outras empreitadas revisionistas sobre assuntos muito consagrados do que o da atual realidade brasileira, como a Revolução Francesa e o Revisionismo do Nazifascismo, sobre o caso francês, Melo afirma:

Desde que um anticomunista da estirpe de François Furet “subiu ao poder” na vida universitária francesa nos anos de 1980 e propôs que a “Revolução havia terminado”, o fulcro da abordagem canônica sobre aquela Revolução foi posto em xeque. O caráter burguês daquela Revolução passaria a ser sistematicamente refutado, no mesmo passo que as influentes interpretações de autores como Georges Lefebvre (1874-1959) e Albert Soboul (1914-1982) foram reduzidas a uma simplista e linear leitura “marxista-leninista”, que alegadamente olharia 1789 como prenúncio de 1917, numa espécie de esquema teleológico simplista que Furet caracteriza como um “catecismo revolucionário” [...] Como não foi muito difícil de perceber, o propósito do revisionismo de Furet era a desqualificação do próprio conceito de “revolução”. Carregando em sua lapela a posição de ex-esquerdista que havia “tomado juízo” depois de 1956,¹ o historiador francês combateu em sua trincheira para favorecer o consenso conservador que caracterizou a cena política dos anos 1980, de triunfo do neoliberalismo nos países centrais do capitalismo (incluindo a França de Mitterrand) (Cf. Anderson, 1995) e de crise ideológica da esquerda [...] (MELO, 2013. P. 52)

Conforme aponta Melo, o propósito de tal revisionismo, embora este seja produzido dentro da comunidade científica, de acordo com todos os critérios das metodologias de pesquisa, diferente do caso do Brasil Paralelo, porém se assemelham no ponto em que ambos têm motivações ideológicas e ambos os casos estão posicionados à direita do espectro político, o mesmo ocorreu nos casos sérvios e iugoslavo.

Nos casos dos dois países, ocorreu um revisionismo histórico fundamentado igualmente por motivações políticas, na Sérvia que é indubitavelmente caracterizada pela ignorância da contribuição científica da historiografia iugoslava do pós guerra, demonização do socialismo, relativização e negligência das contribuições do movimento antifascista iugoslavo (Škorić e Bešlin 2017), esta ação dos governos que sucederam o período pós socialista na Sérvia e Iugoslávia, semelhante ao caso francês apontado por Demian, também tem suas ações definidas por intenções ideológicas, conforme demonstra Škorić e Bešlin.

A more pronounced manifestation of revisionist tendencies in Yugoslavian and Serbian society appeared in the late 1980s and it has reached its peak after the year 1990. Changes introduced into textbooks and teaching programs represented merely a minor manifestation of this phenomenon, since at the same time, a systematic defamation of the Partisan movement and antifascism in general was in full swing, and the traces of the antifascist tradition were being meticulously and rather systematically removed from the public space: towns, streets, squares and institutions were renamed, certain

monuments were removed and so on (Radović 2013). Still, the most dire consequences of such rise of historically revisionist orientation were suffered by the science of history itself, due to the undermining its own foundations and critically heuristic methods (Jovanović & Radić 2009). Therefore, the contemporary ideological and political revisionism in Serbia is the result of syncretism between academic revisionism and the revision of the past on the part of state politics, and it is based upon systematic deletion from collective memory and persistent negation and distortion of historical sources, which are discredited as a part of the “ideological times” or “remains of the communist historiography”.¹² (Škorić e Bešlin 2017. P. 637)

É uma atitude equivocada tentar realizar uma análise comparada entre os casos, pois de nem uma maneira é o mesmo fenômeno que acontece em espaços nacionais diferentes, cada um destes tem condições únicas que levaram a ocorrência destes revisionismos, é resultado de relações complexas entre modos culturais, interesses econômicos e políticos, havendo uma única semelhança que é o revisionismo da história para atender interesses ideológicos em busca embasar os discursos políticos com o fim de alcançar a hegemonia social, é o caso que ocorre na Espanha após a ditadura franquista, conforme demonstra Cattini:

This view of constitutional patriotism was immediately embraced by the major media groups close to the PP government and the public media that adopted the concept of constitutional patriotism as a talisman to be used against the Basque and Catalan nationalist and independence movements. Conversely, these media organs never split hairs over the past “shared” by all the inhabitants of the Spanish State and the rights of the different nations within the State that were abolished and violated during the almost 40 years of Franco’s dictatorship. This battle for cultural hegemony over the discourse of the future of the Spanish State also arose at a time of profound revision of one of the most complex periods in the history of the State and which began precisely in 1996 with the 60th anniversary of the Civil War. In those years, a series of pseudo-history books began to be published, clearly aimed at

¹² Uma manifestação mais pronunciada das tendências revisionistas na sociedade iugoslava e sérvia apareceu no final dos anos 80 e atingiu seu auge após o ano de 1990. As mudanças introduzidas nos livros didáticos e nos programas de ensino representavam apenas uma manifestação menor desse fenômeno, pois, ao mesmo tempo, uma difamação sistemática do movimento partidário e o antifascismo em geral estavam em pleno andamento, e os traços da tradição antifascista estavam sendo meticulosamente e bastante sistematicamente removidos do espaço público: cidades, ruas, praças e instituições foram renomeadas, certos monumentos foram removidos e assim por diante (Radović 2013). Ainda assim, as consequências mais terríveis desse aumento da orientação historicamente revisionista foram sofridas pela própria ciência da história, devido ao comprometimento de suas próprias fundações e métodos criticamente heurísticos (Jovanović & Radić 2009). Portanto, o revisionismo ideológico e político contemporâneo na Sérvia é o resultado do sincretismo entre o revisionismo acadêmico e a revisão do passado por parte da política do estado, e é baseado na exclusão sistemática da memória coletiva e na persistente negação e distorção de fontes históricas, que são desacreditados como parte dos “tempos ideológicos” ou “restos da historiografia comunista”. (Tradução livre do autor.)

rewriting the past with ideas at times verging on the neo-Francoist. This series brought publishing success for authors like Pío Moa (1948), César Vidal (1958), Federico Jiménez Losantos (1955), José María Marco, César Alonso de los Ríos (1936) and many more. [...] (CATINNI, 2011. P. 34)¹³

O projeto Brasil Paralelo, tem o elemento em comum do uso do revisionismo histórico para justificar situações do passado, aliviar a culpa de alguns eventos como por exemplo a ditadura civil militar, achando uma forma de justificar as atrocidades cometidas contra a população, semelhante a situação espanhola.

Este revisionismo é voltado para atender razões políticas como já foi apontado no início deste trabalho, a intenção deste projeto revisionista é atender um anseio político de um grupo, ou seja, os interesses elitistas e preconceituosos de um pequeno grupo de pessoas conservadoras, estes sentem-se ameaçados no risco eminente da perda de algum privilégio de classe, com o suposto risco da implementação de um regime comunista no país, nada passa de uma histeria gerada pela teoria da conspiração do Marxismo Cultural.

A exceção do caso brasileiro é que o revisionismo é produzido completamente fora do espaço acadêmico, diferente do caso francês, sérvio, iugoslavo e espanhol, que conforme apontam os autores citados, em algum momento estas ideias contaminaram a academia científica.

Deve ser tratado com certa exceção e cautela o caso francês, que particularmente ocorre dentro do campo acadêmico, algo exatamente natural dentro da academia, quando ideias são revisadas sob nova perspectiva de um determinado historiador, adotando sempre as medidas metodologias corretas de, porém neste

¹³ Essa visão do patriotismo constitucional foi imediatamente adotada pelos principais grupos de mídia próximos ao governo do PP e pela mídia pública que adotaram o conceito de patriotismo constitucional como um talismã a ser usado contra os movimentos nacionalistas e de independência bascos e catalães. Por outro lado, esses órgãos da mídia nunca dividiram os cabelos em relação ao passado "compartilhado" por todos os habitantes do Estado espanhol e pelos direitos das diferentes nações do Estado que foram abolidas e violadas durante os quase 40 anos da ditadura de Franco. Essa batalha pela hegemonia cultural sobre o discurso do futuro do Estado espanhol também surgiu em uma profunda revisão de um dos períodos mais complexos da história do Estado e que começou precisamente em 1996, com o 60º aniversário da Guerra Civil. . Naqueles anos, uma série de livros de pseudo-história começou a ser publicada, claramente destinada a reescrever o passado com idéias às vezes próximas do neo-franquista. Esta série trouxe sucesso editorial para autores como Pío Moa (1948), César Vidal (1958), Federico Jiménez Losantos (1955), José María Marco, César Alonso dos Rios (1936) e muitos outros. [...] (Tradução livre do autor.)

preciso caso, tal abordagem citada por Melo tinha propósito de atender interesses ideológicos.

Este revisionismo do caso brasileiro ainda não conseguiu adentrar no espaço acadêmico, mesmo havendo dentro do projeto historiadores titulados academicamente que colaboram com a intenção, no entanto não estão conseguindo gerar por enquanto nem um efeito no meio acadêmico, muito pouco gerou preocupação dos ocupantes deste espaço, integrantes das ciências humanas.

Como referido anteriormente, não se pode comparar estes casos como se fossem totalmente comuns entre si, porém ambos compartilham de um único elemento em comum, são propostos para atenderem interesses ideológicos.

Pode se perceber que estes revisionismos não surgem por consequência das mudanças de paradigmas ou surgimentos de novas demandas por conta de uma mudança na mentalidade coletiva de uma sociedade, muito menos pela necessidade de compreender um processo de transformação que por ventura esteja acontecendo, pelo contrário.

Estes revisionismos históricos são promovidos e calculados intencionalmente com o objetivo de atender demandas ideológicas, sustentar a base dos discursos dos promotores de tais ideias, utilizando da História como o principal objeto de manipulação por estes ideólogos conservadores justamente por ela ser a responsável pela construção da memória de uma sociedade, sendo na História onde se busca as respostas para entender as questões do presente, por esta razão estes promotores de revisionismos dedicam-se em fazer a alteração do verdadeiro passado para terem as suas ideias justificadas.

4. CAPÍTULO 3 : BRASIL PARALELO E SEU PROPÓSITO

O Brasil Paralelo e seu revisionismo.

Com a noção da complexidade da produção do conhecimento histórico restrito apenas ao meio acadêmico, assim como todos os outros debates que ocorrem dentro das ciências humanas em relação à sociedade, os mesmos que são o objeto sobre qual se desenvolve o debate, não tem um acesso a ele ou aos

resultados que de alguma forma no meio acadêmico são alcançados nestas discussões.

O projeto Brasil Paralelo conseguiu se estabelecer muito bem utilizado deste espaço aberto que deveria ser ocupado pela academia científica na sociedade, o seu discurso de fácil compreensão somado com os anseios de uma parcela significativa da população em um momento específico, quando as pautas contra a corrupção, pró Direita e uma grande polarização política da sociedade já havia se acentuado no país em meados de 2016.

Outro elemento que também foi crucial para a consagração popular deste projeto revisionista, foi por conta da disponibilidade do acesso deste material na internet, utilizam deste meio como posto de distribuição de suas ideias, transmitido gratuitamente o conteúdo revisionista pelo site Youtube, através de um canal próprio nesta plataforma.

Este espaço é muito mais acessível que o meio acadêmico, também é um espaço totalmente democrático, no qual é possível que qualquer pessoa comum possa produzir ou publicar qualquer conteúdo de qualquer natureza, de forma totalmente independente e com baixo custo. A plataforma de vídeos Youtube proporcionou à grande massa algo que antes era restrito aos meios de comunicação.

O grupo Brasil Paralelo, se identifica, de acordo com o seu site oficial como “uma empresa cinematográfica brasileira com o conteúdo é alinhado ao liberalismo econômico”, fundada no ano de 2016, se utilizando do *slogan* “nunca mais seja massa de manobra, a tecnologia que mudou a educação política.”

Seu primeiro material audiovisual que propõem o revisionismo histórico, foi o projeto Brasil, A Última Cruzada, uma série que contém seis episódios com a média de duração entre os episódios de 00:34 à 1:24. Abordando um recorte temporal extremamente longo e complexo para o tempo histórico, que inicia com a invasão moura da Península Ibérica se estendendo até o suicídio de Getúlio Vargas.

Neste trabalho iremos nos deter apenas no primeiro episódio desta série denominada de a Cruz e a Espada, este episódio é a porta de entrada para toda a série e nela há elementos perceptíveis das teorias da conspiração sobre o Marxismo Cultural e a suposta Cultura Ocidental.

Para os adeptos desta teoria da Cultura Ocidental, não há nem uma fonte que confirme essa teoria nem que delimite categoricamente o que é a Cultura Ocidental, mas é um termo utilizado para afirmar um conceito de superioridade sofisticada entre o Ocidente e o Oriente, utilizado para separar o mundo civilizado da barbárie, deixando visível que há neste discurso uma manifestação xenofóbica.

Também neste episódio ocorre a primeira investida do revisionismo desta série, e provavelmente o mais audacioso deles, afirmar que o Brasil não foi casualmente descoberto, mas sim intencionalmente ocupados pelos cavaleiros templários que encaravam estas terras como a “verdadeira terra prometida”, após não haver mais o que conquistar no Velho Mundo, partiram rumo ao Novo Mundo para se apossar do que lhes era de direito.

Logo no início do episódio já é possível se deparar com uma revisão aos 10:49 até 11:11, o narrador diz.

“A fé muçulmana nasce em Meca, na Arábia Saudita com Maomé, o pregador que afirmava ter recebido a revelação de ser um enviado de deus, nessa revelação sua missão seria resgatar ensinamentos que foram trazidos por profetas como Moisés, Abraão e Jesus mas que ao longo do tempo teriam sido distorcidos”

Tal afirmação é feita sem nem uma referência à alguma fonte, após realizar uma pesquisa utilizando o discurso transcrito na ferramenta de pesquisa Google, foi localizado o trecho em uma página do site Wikipédia, com poucas alterações na composição do texto e formas gramaticais, conforme está redigido no site, diz.

Maomé não rejeitou completamente o judaísmo e o cristianismo, duas religiões monoteístas já conhecidas pelos árabes. Em vez disso, teria declarado que é necessária proteção a estas religiões e informou que tinha sido enviado por Deus para restaurar os ensinamentos originais destas religiões, que tinham sido corrompidos e esquecidos.

No texto apresentado na página do site existe uma observação afirmando que estas informações são presentes apenas na Enciclopédia Judaica que compõem uma coleção de 15,285 textos e publicada entre 1901 e 1906.

Não há como chegar de qual fonte foi retirado o trecho citado pelo narrador do projeto Brasil Paralelo, porém é feito como uma afirmação categórica sobre a

intenção de Maomé, enquanto na página da Wikipédia o autor toma a cautela de afirmar que a mesma afirmação era retirada da Enciclopédia Judaica.

Esta afirmação sobre as ações de Maomé é uma aparente tentativa de propor uma ideia de que o cristianismo e a fé no deus bíblico são a única forma de crença verdadeira, pois são estas as bases da moral judaico-cristã, por sua vez é o pilar da suposta Cultura Ocidental. Renegar esta fé por parte dos árabes os condenou em viver em uma sociedade bárbara e não sofisticada igual a ocidental.

O diálogo do material se estende, seguindo sobre o assunto sobre a invasão da Península Ibérica pelos mouros, durante a abordagem deste tema um dos comentaristas do material, Rafael Vitola Brodbeck, delegado da polícia civil do estado do Rio Grande do Sul com graduação e doutorado na área do direito, é apresentado pela organização do material como um pesquisador, de fato é o autor de vários livros sobre conduta da prática da religião católica.

Este delegado de polícia afirma categoricamente que historiadores concluem que o elemento responsável por facilitar a expansão moura pela península foi o desarmamento da população de origem romana pelo Reino Visigótico, ele diz “ as teorias que os historiadores levantam quanto a facilidade da invasão foi por que em primeiro lugar o Reino Visigótico não deixavam que as populações de origem romana tivesse acesso a armas ou ao exército, então aí já vemos um processo de desarmamento, que facilitou inclusive a queda do seu próprio estado.”

Esta falácia faz referência a uma pauta da direita sobre a liberação da posse de armas, se referindo ao Estatuto do Desarmamento, lei promulgada em 2003 que restringia o porte de armas e calibres para pessoas comuns.

Os ultraconservadores brasileiros reproduzem este tipo de falácia em referência ao Estatuto do Desarmamento durante anos, Olavo de Carvalho entre outros de seus seguidores afirmam que é uma forma de controle social por parte da Esquerda.

Como alternativa de sustentar estas afirmações, utilizam de outros exemplos revisionistas como a afirmação do Fascismo ser um fenômeno político da Esquerda, exemplificando com o caso alemão em que o Nazismo também desarmou a população igual o Partido dos Trabalhadores fez no Brasil.

Na teoria da conspiração nada acontece sem alguma motivação por parte de algum agente que tem intenções bem definidas, como já dito anteriormente o Brasil Paralelo, se utiliza muito de tais teorias da conspiração para fundamentar o seu revisionismo. Esta alegação sobre o desarmamento também não é feita por acaso, é uma forma de reforçar a ideia de que a suposta tentativa da Esquerda de desarmar a população é uma atitude má intencionada, na perspectiva dos ultraconservadores, de acordo com Silva.

Uma visão conspiratória do mundo implica um universo regido por um desenho próprio e não ao acaso. Esse desenho manifesta-se em três princípios encontrados praticamente em todas as teorias da conspiração (Barkun, 2003): - Nada acontece por acaso. A conspiração implica um mundo baseado na intencionalidade, de onde o acidente e as coincidências têm de ser removidos. Qualquer coisa só acontece porque foi provocada, desejada. Num extremo, o resultado é um mundo de fantasia, muito mais coerente do que o mundo real. - Nada é o que parece. As aparências enganam, porque quem está no poder deseja enganar, disfarçar a sua identidade e actividades. Assim, a aparência de inocência é olhada com desconfiança, pois não há nenhuma garantia de que um indivíduo seja benigno. - Tudo está conectado. Porque no mundo dos seguidores das teorias da conspiração não há espaço para acidentes e coincidências, o enredo conspiratório está em todo o lado, embora escondido da vista. Daí a necessidade do teórico da conspiração em se encontrar em constante processo de articulação e correspondência, a fim de mapear as conexões ocultas. (Silva, 2010. P. 17)

O diálogo segue até começar a ser abordado o assunto das cruzadas, tratando os mouros como inimigos que agrediram o ocidente com uma investida imperialista jamais vista antes no mundo ocidental, como afirma Olavo de Carvalho, ele diz no tempo 18:52 até 20:05.

“O que foram as cruzadas, foram uma resposta parcial e tardia à maior agressão imperialista que a Europa já havia sofrido, olha que nem os romanos fizeram tanta devastação quanto os muçulmanos fizeram, por que os romanos, pelos menos quando invadia um lugar, invadia um país, imediatamente transformavam todo mundo em cidadão romano e você tinha todos os direitos e o romano se adaptava as religiões locais, ao contrário, você tem lá sua religião local, uma divindade esquisita o romano pegava aquilo botava no panteão e falava, ó essa é mais uma religião que tá valendo, quer dizer, quem inventou o multiculturalismo foi o romano, e o muçulmano é o contrário onde eles invadiam você tinha a opção, você se converte ao islã agora, você aceita a autoridade islâmica ou, tem duas hipóteses, a primeira é você morrer a segunda é virar um cidadão de segunda classe, que não pode praticar sua religião em pública, não pode nem falar dela em pública, você não pode exercer este posto, aquele posto, aqueles posto, o que quer que você ganhar nós vamos cobrar em impostos e assim por diante.”

Figura 3 : Olavo de Carvalho



Fonte: Canal Brasil Paralelo (2017)

Ao terminar a fala de Olavo de Carvalho o narrador prossegue e afirma que a terra santa havia sido conquistada e enfatizando que tal feito havia sido conquistado pelos cruzados, inicia uma investida de explicações para contextualizar o surgimento da Ordem dos Templários que tinha como objetivo de proteger os peregrinos até Jerusalém.

Durante toda a narração, é afirmada a ideia de que as Cruzadas eram investidas simplesmente religiosas, algo que há muito tempo é contestado, em meados do fim do século XIX, como afirma Hobsbawm (1998) um cientista social culto já naquele período, se depararam com a percepção das Cruzadas serem uma consequência da fome feudal por novas terras.

Existe um objetivo na intenção de tratar as cruzadas como uma jornada religiosa dedicada a defender os valores cristãos, no próprio material é afirmado que os cruzados eram apenas homens que aceitaram participar da investida militar apenas pela salvação divina, segundo o narrador diz no tempo 17:49 até 18:48 o seguinte.

“Se voltássemos no tempo até o século XI, seria difícil de acreditar em nossos olhos, a Europa parecia uma região amaldiçoada, os governos

centrais não eram organizados e as monarquias ainda engatinhava repleta de grandes castelos que roubavam e guerreavam entre si, uma terra devastada e sem leis. Em uma decisão sem precedentes o Papa promete um lugar no céu para as almas daqueles que aceitarem marcharem até Jerusalém e retomar a Terra Santa, para o Papa era oportunidade perfeita de unificar os cristãos ocidentais e orientais e colocar a Igreja novamente no centro do cenário político mundial. Se não era possível viver em paz na Europa seu povo decidiu buscar uma vida melhor, neste mundo ou no próximo. Estava inaugurada a era das Cruzadas, agora milhares de cristãos vindos de toda a parte da Europa, marchavam para tomar Jerusalém das mãos dos seguidores de Maomé.”

O objetivo por trás da intenção de tratar as Cruzadas como um evento ou produto de natureza totalmente religiosa, é relacionar estes elementos como a fundação do primórdio da Cultura Ocidental, é de onde partem os princípios e valores tradicionais e do laço religioso que fundamentam, para os conservadores, os pilares supostos Sociedade Ocidental à qual eles tanto idealizam.

Os Templários, antepassados dos brasileiros para o grupo Brasil Paralelo.

Esta narrativa revisionista segue em frente, afirmando que o objetivo de conquistar a terra de Canaã foi concluído pelos cruzados, em momento algum fazem referência ou introdução do que eram as Cruzadas, quantas ocorreram e em quais territórios elas se projetavam. No documentário a abordagem das Cruzadas é absurdamente reduzidas em um único evento, apenas à reconquista bem sucedida da Terra Santa.

Este assunto segue até a menção da criação da Ordem dos Cavaleiros Templários para proteger os peregrinos até a Terra Santa que no discurso do episódio estaria sob posse dos cristãos, é um dos últimos movimentos estratégicos no discurso deste episódio para a conclusão do argumento final do seu revisionismo.

É feita uma exaltação da imagem dos cavaleiros templários, acompanhada de uma grande quantidade de ilustrações que projetam os templários com homens magníficos nobres e altivos e ternamente jurados à serviço da vontade de Deus e da Igreja, demonstrando a afeição que a organização do projeto e os organizadores têm em relação a imagem idealizada dos Cavaleiros Templários.

As falas que exaltam os Templários continuam narrando a história do grupo até o fim da ordem quando é extinta na França por ordem do rei Felipe IV e que o papa Clemente V pediria para que o rei, Dom Dinis fizesse o mesmo com os integrantes da ordem em Portugal, ele não aceitaria e Portugal passaria ser o refúgio dos Templários em fuga.

A narração afirma que do legado de Dom Dinis, o ato mais impactante seria o pedido de que a Igreja transferisse os bens dos Templários para Portugal. Bertrand de Orléans e Bragança afirma em sua fala no tempo 28:52 até 29:10 o seguinte: “Quando foi extinta os Templários, infelizmente. O rei de Portugal pediu que em Portugal a ordem continuasse, por que esses cavaleiros eram grandes defensores da fé e das cruzadas.”

A narração segue afirmando que o nome da ordem passaria ser Ordem de Cristo, Luiz Philippe de Orléans e Bragança afirma sobre Portugal ter recebido os bens dos Templários aos 29:46 29:58 diz.

“E aí é que se explica um monte de coisas da nossa história, como um país tão pequeno que era Portugal, como que este país de repente avançou e se tornou um grande conquistador dos mares, como esse país de repente se tornou o país que saiu os maiores navegadores por um tempo.”

Figura 4 : Luiz Philippe de Orléans e Bragança



Fonte: Canal Brasil Paralelo (2017)

Na narrativa do Brasil Paralelo, com a reconquista de Granada chega o fim do processo de reconquista da Península Ibérica, é defendida a ideia de que as gerações que foram criadas sob um processo de expansão territorial secular, teriam desenvolvido em suas culturas a prática do expansionismo em busca de novas terras, como não haveria mais espaço a ser desbravado se jogariam ao mar em busca de novas terras.

A versão consagrada da história que Cristóvão Colombo é o primeiro a navegar pela Espanha com o objetivo de chegar às Índias Orientais é mantida, porém é afirmado um fato que carece de fontes, Colombo estaria presente na última batalha por Granada e que em algum tempo antes deste momento ele já estaria negociando o financiamento da viagem com a corte espanhola em acampamentos militares no cerco contra o último reduto mouro na península.

Começa então o revisionismo a tomar o seu rumo final, onde começam a se manifestar a real intenção deste episódio, é sugerido uma relação entre os Cavaleiros Templários e a descoberta do Brasil.

É feito uma deturpação de alegações para relacionar estes dois pontos, fazendo uma relação direta dos Templários com a pessoa de Pedro Álvares Cabral, afirmando que ele foi um grão-mestre da Ordem de Cristo, tal ordem que anteriormente foi afirmado que teria sido funda para alocar os Templários que se exilaram em Portugal, passando tratar os Templários e a Ordem de Cristo como instituições que descendem uma da outra, a partir dos quarenta minutos o narrador inicia a investida final deste episódio, e diz aos 44:04 até 45:24.

“Uma segunda grande armada portuguesa foi enviada para a Índia, desta vez com treze navios, cerca de mil e quinhentos homens e guiada por Pedro Álvares Cabral. Cabral, era um grão-mestre da Ordem de Cristo e um nobre de relacionamento fiel à coroa, descrito como culto, prudente e tolerante com os inimigos, no dia anterior da partida, a tripulação recebeu uma despedida pública que incluiu uma missa e comemoração que com a presença do rei, da corte e uma enorme multidão, sua frota afastou-se bastante da costa africana até desembarcarem no que chamaram de Porto Seguro, o que achou que se tratar-se de uma ilha e deu o nome de Vera Cruz. Cabral tendo percebido que a nova terra estava a Leste da linha de Tordesilhas logo enviou um emissário a Portugal com a importante notícia.

Alguns historiadores defendem que os portugueses já sabiam da existência da América do Sul, por isso o desvio da rota de Cabral e a insistência do rei Dom João II em mover para Oeste a linha de Tordesilhas, outro defendem

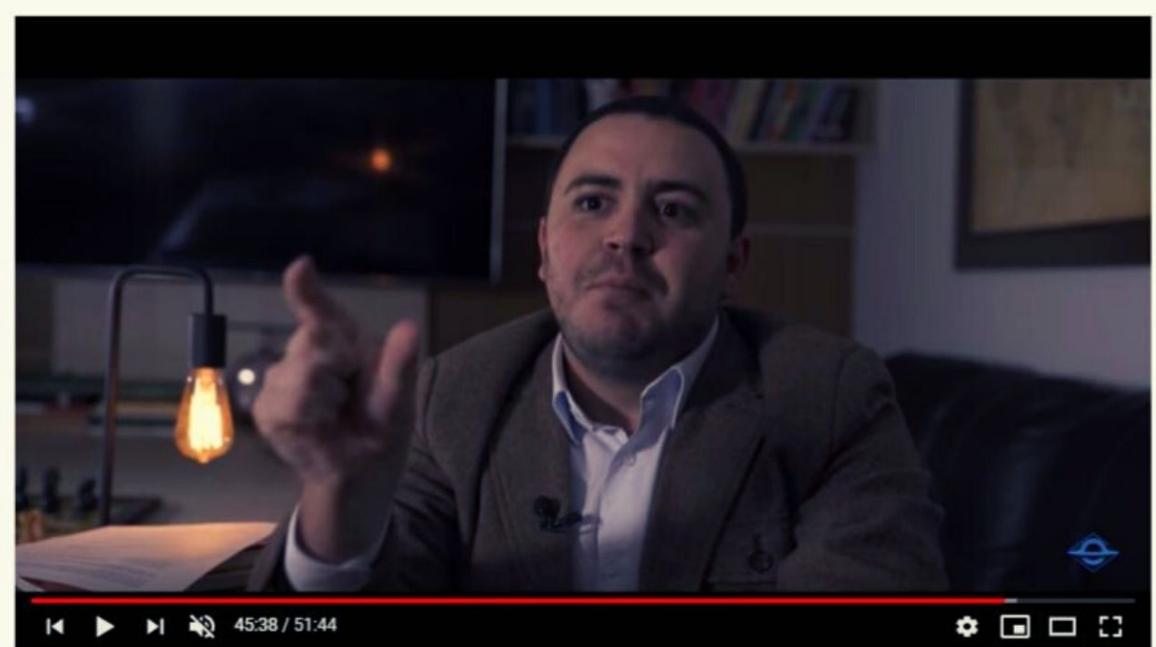
que o objetivo deste empreendimento era estabelecer relações comerciais com a Índia e que o desvio se dava por necessidades de navegação fazendo da descoberta algo acidental.

Assim começam falas para justificar de toda a forma possível que a chegada dos portugueses no América do Sul não foi um evento que ocorreu por um desvio do curso da navegação.

Tentam justificar que o próprio acaso não ocorre por acaso, criando uma explicação para afirmar que a chegada dos portugueses nunca foi intencional neste, a explicação para este evento seria a divina providência, pois é alegado que é assim que os portugueses a acreditavam e qualquer outra análise ou hipótese comprovada por algum historiador não é apenas uma questão menor, pois a cultura portuguesa da época acreditava que tudo acontecia por ser predestinado por deus, conforme afirma o historiador Thomas Giuliano Ferreira dos Santos no tempo 45:24 até 46:06.

“Mas na lógica portuguesa, isso a gente já vai encontra na carta de Pero Vaz de Caminha, não existe casualidade quando se acredita na providência, então é um debate menor no sentido português do seu tempo, por que um português fiel à tradição católica não está se preocupando se ele chegou ali sem querer ou por querer, ele acredita que está ali por um motivo e este motivo é missionário, e isto, esses e elementos nós já encontramos na certidão de batismo, como muitas vezes colocamos assim, a carta de Pero Vaz de Caminhas”.

Figura 5 : Thomas Giuliano Ferreira dos Santos

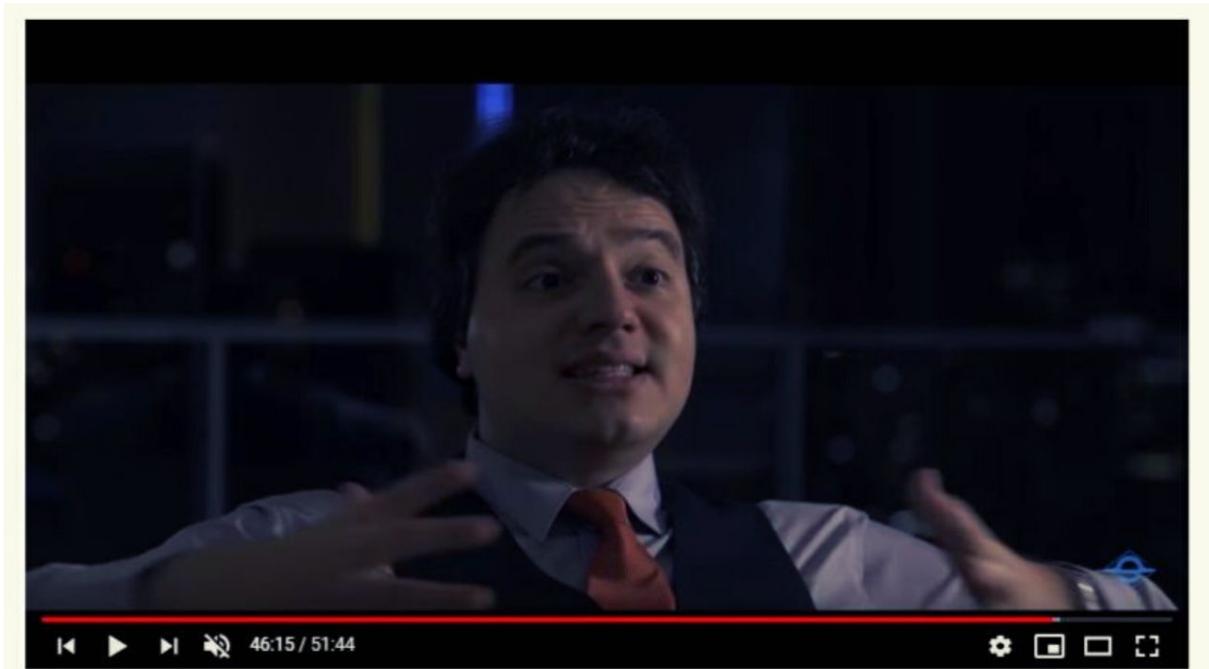


Fonte: Canal Brasil Paralelo (2017)

As falas continuam em sequência, uma se sustentando na outra na afirmação na real intenção e motivação da chegada dos portugueses na América do Sul, segue a afirmação de Rafael Nogueira no tempo 46:07 até 46:37.

“Como é que vocês acham que de repente, um povo que na idade média lutou por oito séculos contra o inimigo islâmico vai se tornar do nada um mercador, só quero realizar comércio, não faz o menor sentido, essa história assim de como ela é contada de que o português sai só para encontrar especiarias e ter um melhor acesso à rotas comerciais não se justifica de modo algum, é um desconhecimento completo de o que era Portugal, de o que era o mundo medieval, o mundo medieval era um mundo de grandes guerreiros.”

Figura 6 : Rafael Nogueira

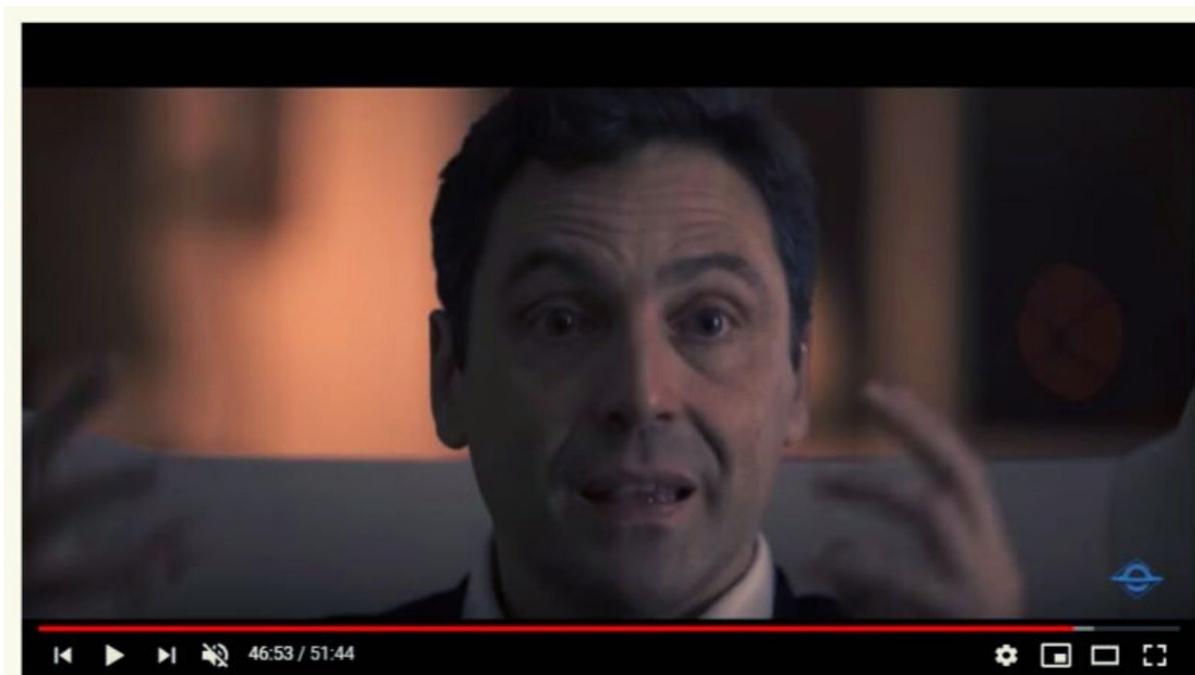


Fonte: Canal Brasil Paralelo (2017)

Em sequência direta segue afirmando categoricamente que nada foi por acaso, diz Luiz Philippe de Orléans e Bragança no tempo 46:38 até 47:58.

Você não se lança num pequeno barco através de um oceano que você não conhece para encontrar um pau brasa vermelhinho, não é para isso, é para encontrar a terra prometida, é para encontrar a terra abençoada, isso é um fator motivador dos grandes descobrimentos até mesmo hoje do espaço [...] coloca um monte de molecada em um barco e lança eles, para que? Porque eu quero, eu quero que ele pegue uma pedra lá no outro lado do oceano, é isso? Não, eu quero que encontrem o paraíso! Esse que era o fator motivador, era a base da vontade, o elã do negócio, não era coisa pequena, não era coisa frívola como se constrói, não era nada disso, claro, é mais difícil de contar essa história para um número muito grande de pessoas, é muito mais complicado.

Figura 7 : Luiz Philippe de Orléans e Bragança



Fonte: Canal Brasil Paralelo (2017)

Este é o último depoimento dado pelos participantes do projeto, expressando a última conclusão real dos fatos, na intenção do projeto, esta fala faz a ratificação de todo o discurso anterior e das contribuições dos depoimentos anteriores, a partir encerramento é iniciada a fala da conclusão no tempo 47:59 até 48:21.

O fato é que no dia vinte e dois de abril de mil e quinhentos, os portugueses atravessaram o oceano Atlântico e chegaram no Brasil, era o ápice da expansão marítima portuguesa. Portugal não era mais a extremidade do fim do mundo e a história dos dois lugares nunca mais seriam a mesma.

A conclusão se faz livre alguma ação revisionista direta, em sua fala, realizando constatações genéricas em relação a constatações feitas anteriormente, o elemento final do revisionismo, onde expressa toda a real intenção do projeto em si e do episódio é presenciado na consideração final do episódio, no tempo 48:22 até 50:13.

A história merece ser contada, pela sorte, pela providência, pela virtude ou por todas elas, chegamos até aqui, nossa história tem nome e cada vez que olhamos para trás, lembramos de cada personagem que construiu o palco de nossas vidas, temos a oportunidade de escolher nossas referências, aprender com nossos erros e elevar o nosso moral, em algum lugar, sempre haverá o panteão daqueles que nos trouxeram até aqui, lá estão as paixões, os méritos, os sacrifícios e todo o heroísmo da humanidade, não foi fácil. A preservação desse lugar cabe a nós, não podemos deixar que roubem os

degraus de nossa civilização, sempre que estivermos perdidos, sem saber para onde ir, eles estarão lá de braços estendidos para nos contar tudo que sacrificaram para dar um passo além do que parecia possível, não se trata apenas de não esquecer de onde viemos, se trata de não esquecermos para onde estamos indo. Nos momentos mais difíceis a história deve ser lembrada.

Esta fala final demonstra a magnitude da intenção do revisionismo histórico, que se propõe não apenas em fazer uma suposta correção de acordo com a perspectiva ideológica da história, também não se detém em apenas relativizar eventos históricos ou condições sociais em uma tentativa com o objetivo de justificar uma ideologia política como a certa.

O objetivo das intenções deste revisionismo.

O caso particular do projeto Brasil paralelo, tem o propósito de criar uma história completamente alternativa e aplicá-la como uma verdade absoluta, através da difamação dos ocupantes do ramo acadêmico, afirmando que este espaço é ocupado pelo Marxismo Cultural, dedicado a destruir a cultura ocidental, algo pelo qual o Brasil teria sido muito afetado, segundo estes ideólogos da Extrema Direita, afirmando que o único meio de adquirir o verdadeiro conhecimento de fonte segura seria os das pessoas que estão do lado de fora da caixa ocupada pelos manipulados.

O revisionismo do projeto Brasil Paralelo e todo o conhecimento proposto pelos ideólogos da extrema direita no Brasil, são produzidos e distribuídos de forma alternativa, não utilizam de fontes para embasar suas afirmações, sendo corriqueiro a manifestação do juízo de valor ao expressar a opinião sobre um assunto, assim ocorre com Olavo de Carvalho, nome que é muito presente por conta de sua influência dentro da Extrema Direita, considerado por si mesmo e por este grupo como o único intelectual brasileiro.

Outro elemento que torna escassa a existência material dessa nova direita, além do fato de ser um fenômeno com menos de uma década, a prática de divulgação alternativa utiliza como veículo de divulgação apenas a internet.

A disseminação da ideologia dessa Extrema Direita que ocorre, presente na internet, ocorre através de cursos online, alguns pagos, outros disponibilizados gratuitamente, além da livre possibilidade da criação de um canal no site Youtube, algo que é feito pelos seguidores mais aguerridos ao ideário de Olavo de Carvalho, onde em seus vídeos reproduzem integralmente estas ideias com a sua plena essência.

A ascensão da extrema direita se fez possível em cima das pautas reivindicadas contra a corrupção que seria o mal que estaria destruindo o Brasil, como promotor desse mal ficou responsável o partido político de qual pertencia o presidente em exercício, além de compor a presidência por dezesseis anos com Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff.

Devido ao fato do Partido dos Trabalhadores ter um reconhecimento histórico pelo ativismo em defesa ao operariado e forte oposição contra a Direita na década de 1980, os ultraconservadores definiram como um partido de ideologia marxista e praticante da estratégia do Marxismo Cultural, tornando homogêneo todo este espectro político.

Estas agitações sociais e polarização política, intensificadas no ano de 2016 com o Impeachment de Dilma Rousseff, durante a votação se tornou evidente que as motivações para tal golpe era o afastamento da esquerda do poder, onde já era presente na ideia da Direita a relação entre uma única Esquerda brasileira com o Marxismo, Comunismo e Socialismo, neste mesmo ano é lançada a série Brasil, A Última Cruzada.

Se aproveitando do momento político do período, e toda a agitação provocada pela instabilidade política que abalava a esquerda e a imagem de um dos partidos de mais importância do país, os organizadores do projeto Brasil Paralelo, alunos de Olavo de Carvalho, o único elemento do grupo de debatedores que se faz presente em todos os episódios da série.

A intenção por trás desta série por completa é expressa no primeiro episódio, dedicado a ser um elemento de introdução da ideia que o grupo tem interesse em afirmar. A criação de uma sociedade dedicada baseada nos valores mais puros da suposta, Cultura Ocidental.

A alternativa utilizada para afirmar esta ideia é a criação de um documentário que reconta a história do Brasil, e os seus fundadores, como forma de relacionar a suposta Cultura Ocidental com o Brasil, na suposição de que seríamos os herdeiros mais próximos dos precursores desta Cultura Ocidental. É criada então narrativas para justificar estas afirmações.

Na intenção do projeto Brasil Paralelo, é expressada a ideia de que os islâmicos eram os principais inimigos da cultura ocidental, eles foram combatidos diretamente pelos espanhóis e portugueses, tentam categoricamente afirmar que por conta deste fato, portugueses são os mais aguerridos à suposta Cultura Ocidental por defendê-la a todo custo.

Aproximar os Cavaleiros Templários através da Ordem de Cristo com o descobrimento do Brasil em 1500, este é outra deturpação de afirmações sem nem uma fonte que faça referência a estas afirmações, o propósito é afirmar que supostamente o brasileiro tem em sua ancestralidade a herança de nobres que viviam apenas em prol da defesa da fé, e os mesmos que foram os principais defensores da verdade Cultura Ocidental.

O objetivo por detrás da série e principalmente deste primeiro episódio é pôr em respaldo elementos que servem para justificar que a sociedade brasileira é de fato, na ideia da Extrema Direita, a nação de que deveria ser totalmente fundamentada e aguerrida a estes valores da suposta Cultura Ocidental, tradicionalmente cristã e defensora da família entre outras pautas da extrema direita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS :

O afastamento da sociedade acadêmica da sociedade comum, deixou espaço aberto para elementos *outsider*,¹⁴ ocuparem esses lugares em nossa sociedade, tais ideias que vem de fora adotam uma linguagem de fácil compreensão para os leigos, que não possuem noção da complexidade da produção científica perante os seus processos.

¹⁴ Indivíduo que não pertence a um grupo determinado, aqueles que se propõem serem anti-sistema. Elementos que vem de fora de um determinado espaço.

A sociedade acadêmica, em certo ponto é uma elite intelectual, perante a percepção da sociedade comum, que considera o outro grupo como detentores e produtores do conhecimento. de certa forma os leigos não tem noção da complexidade da produção do conhecimento científico, havendo a falsa impressão de haver um imediatismo na produção da ciência.

A sociedade comum deseja respostas imediatas para as questões em que se deparam em algum momento, por razão de não terem noção da complexibilidade da produção do conhecimento científico, isso faz considerarem que no espaço acadêmico há também o imediatismo na produção do conhecimento, o projeto Brasil Paralelo por sua vez oferece este imediatismo em propor questões e respondê-las acerca da história do Brasil e as questões em evidência no momento.

Este afastamento entre os dois grupos em uma grande parcela, é culpa da sociedade acadêmica, o conhecimento produzido dentro deste espaço se faz restrito somente a ele, havendo assim pouco acesso a sociedade comum com estas discussões, outro problema que acentua este afastamento é a linguagem extremamente técnica dentro do espaço acadêmico de difícil entendimento por alguém que não domina o assunto.

Assim os resultados dos debates em espaço acadêmico a certa de assuntos que também dizem respeito a sociedade comum, acabam por nunca chegar à ela, mesmo quando esta sociedade comum é também parte do problema dos debates, ela nunca é apresentada ao resultado.

Este afastamento que desencadeou a restrição do conhecimento científico, aliando a instabilidade política com sua militância contra o espectro político de Esquerda.

A Esquerda idealizado por esta Extrema Direita, é algo com um campo ideológico único, homogêneo, resumida ao marxismo, mudando apenas os métodos de aplicação da ideologia, tal concepção é baseada em uma ignorância política.

O projeto Brasil Paralelo conseguiu criar as suas bases de sustentação e se popularizar, utilizando dos espaços onde a massa frequenta, oferecendo o imediatismo de respostas das questões que eles mesmos propõem, blogs, sites e cursos disponibilizados na internet, onde comunidade acadêmica não se manifesta

Ao pesquisar sobre bibliografias que abordam o revisionismo histórico do Brasil Paralelo, pouco material foi encontrado, apenas alguns artigos que faziam críticas a qualidade de informação do objeto e tratando como algo irrelevante para História devido a esta falta de qualidade na metodologia.

As bibliografias procuradas sobre revisionismo histórico, no cenário brasileiro, todas as encontradas tratavam do revisionismo partindo de dentro da academia científica e a mídia informativa formal, jornais impressos e televisionados, promovidos por interesses ideológicos, nunca sobre algum elemento *outsider* como o projeto Brasil Paralelo, isso fez com que dificultasse a produção deste trabalho devido a essa escassez de informação acerca do problema.

O caso do propósito do Brasil Paralelo de criar uma história alternativa para poder formatar uma nova identidade nacional de acordo com os valores terapêuticos da suposta Cultura Ocidental, ainda não havia sido abordado.

Porém foi possível identificar o objetivo do projeto, a criação de uma identidade nacional, tal identidade modelada de acordo com padrões conservadores que são julgados pertencentes à suposta Cultura Ocidental pela organização do projeto, é para atingir este objetivo que foi produzido toda uma série de revisionismo histórico pelo grupo, como forma de afirmar a existência histórica desses padrões culturais que foram destruídos por um inimigo ideológico.

Outro fato constatado foi a ascensão do projeto, chegando ao ponto de lançar conteúdo mensal e gratuito aumentando cada dia mais a sua influência e também relevância que não deve ser mais ignorada pela sociedade acadêmica.

Devido tal despreocupação do meio acadêmico com a relevância das informações do projeto, por este ser um elemento *outsider*, foi o motivo pelo qual o Brasil Paralelo deu tão certo, ao ponto de se impregnar dentro do sistema político, sendo aceitos como uma verdade pelos políticos de Extrema Direita. Pouco a pouco os ministérios vêm sendo aparelhados com pessoas que concordam com essa narrativa, como o caso de dois ministros da educação que tivemos no ano de 2019 e o diretor da Biblioteca Nacional nomeado recentemente, Rafael Nogueira, um dos participantes e organizador do projeto Brasil Paralelo.

O campo acadêmico precisa se movimentar e olhar para estes elementos que vem de fora, fazer o contraponto e apontar categoricamente os erros destas

narrativas, para que de tal forma possa fomentar o debate acadêmico para fora dos muros das universidades.

REFERÊNCIAS :

BARROS, José D'Assunção. **Fernand Braudel e a Geração dos Annales**. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 11 – UFGD – Doutorados 2012.

BARROS. José D Assunção. **Teoria da História - Volume I: Princípios e conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

BARROS. José D Assunção. **Teoria da História - Volume II: Os primeiros paradigmas :positivismo e historicismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

BARDIN. Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo, SP: Almedina, 2009.

A CRUZ e a Espada. Direção de Brasil Paralelo. Produção de Brasil Paralelo. Realização de Brasil Paralelo. Coordenação de Brasil Paralelo. Roteiro: Brasil Paralelo. Porto Alegre: Brasil Paralelo, 2016. Youtube (56 min.), Youtube, son. Color. Série Brasil, A Última Cruzada. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TkOIAKE7xqY>>. Acesso em: 20 set. 2017.

CARVALHO, Olavo de. **Primores de ternura 1**. olavodecarvalho.org. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/primores-de-ternura-1/>>. Acesso em: 29 de nov. De 2019.

CARVALHO, Olavo de. **Dor Marxismo Cultural**. olavodecarvalho.org. Disponível em: <<http://olavodecarvalho.org/do-marxismo-cultural/>>. Acessado em: 29 de nov. De 2019.

CATTINI, Giovanni C. **Politics of Memory, Historical Revisionism, and Negationism in Postsocialist Serbia** Catalunha, v. XXVIII, n. 03, p. 631- 649, 2017. Disponível em: <https://lull.cat/IMAGES_175/transfer06-essa03.pdf>. Acessado em: 29 de nov. De 2019.

MELO, Demian Bezerra. **Fernand Braudel e a Geração dos Annales**. Revista Eletrônica Marx e Marxismo: Vol. 1 n. 1 – UFRJ – 2012

DOSSE. François. **A História em migalhas dos Annales à Nova História**. Bauru, SP: EDUSC, 1987.

GARDINER. Patrick. **Teorias da História - 6ª edição**. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GRAMSCI, Marcuse e o marxismo cultural. Direção de Sabrina Fernandez. Produção de Sabrina Fernandez. Realização de Sabrina Fernandez. São Paulo, 2018. Youtube (22 min.), Youtube, son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=crv-p9Rjhbo>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

HOBBSAWM. Eric. **A era das revoluções 1789 - 1848**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2016.

HOBBSAWM. Eric. **Sobre a História**. Moreira, SP: Companhia das Letras, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MARCUSE, Herbert. **O homem Unidimensional: a ideologia da sociedade industrial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SANTOS. Paulo Cesar dos; FOCHI. Graciela Márcia; SILVA. Thiago Rodrigo da. **Teoria da História e Historiografia**. Indaial, SC: UNIASSELVI, 2016. p. 209. ISBN 978-85-7830-952-7 Disponível em: <<https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=21974>>. Acessado em 19 de nov. De 2019.

SILVA, Sandra. **Teorias da Conspiração:: Sedução e Resistência a partir da Literacia Mediática**. 2010. 114 f. Tese (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Cidade do Porto, 2010.

SKORIC; BESLIN. Marko; Milivoj, **Historical Revisionism: Historical revisionism The reinterpretation of history in contemporary political debate**, Catalunha, v. 6, n. 02, p. 28- 37, 2011. Disponível em: <<http://rifdt.instifdt.bg.ac.rs/bitstream/handle/123456789/1386/skoric.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acessado em: 29 de nov. De 2019.

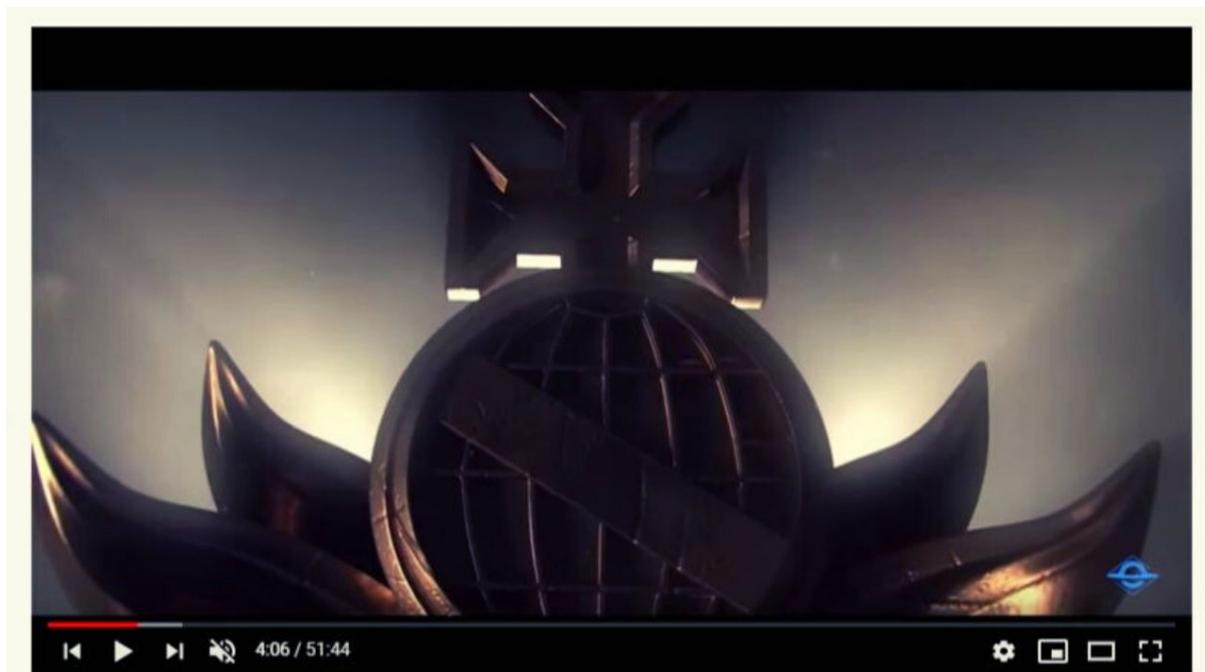
ANEXO :

Figura 1 : Abertura do série A última cruzada



Fonte: Canal Brasil Paralelo (2017)

Figura 2 : Brasão da abertura do série A última cruzada



Fonte: Canal Brasil Paralelo (2017)

